

ANO XIII Nº 54 - 1996

ISSN 0102-5279

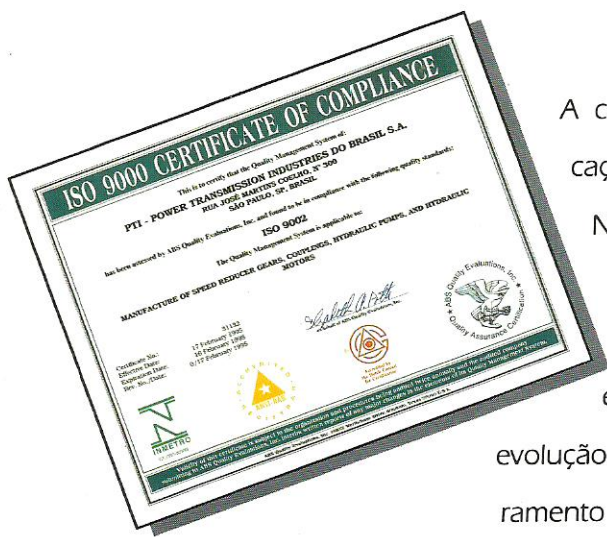
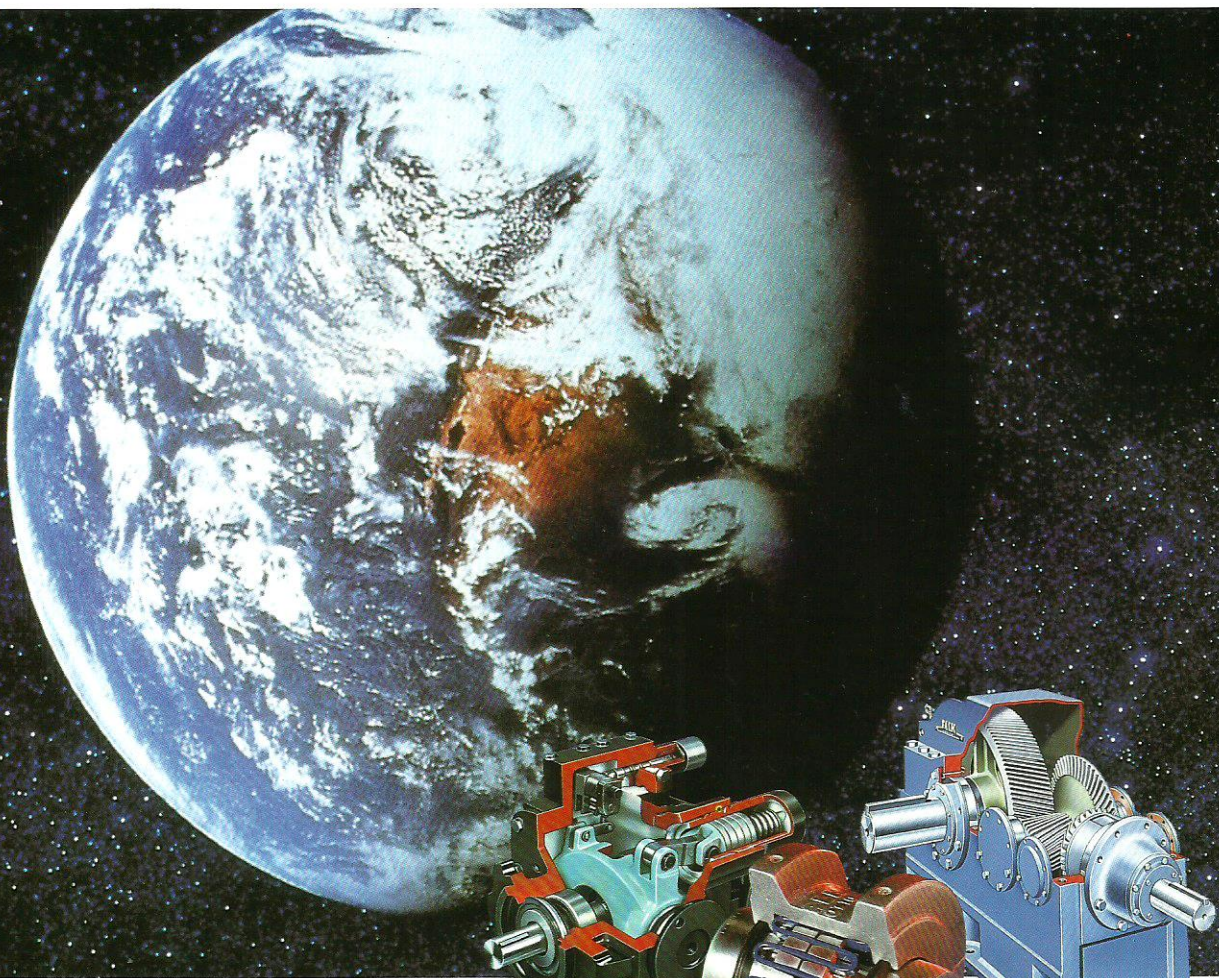
ENTREVISTA
CELSO FOELKE

CELULOSE E PAPEL

GESTÃO AMBIENTAL

- **INVESTIMENTOS**
- **ISO 14000**
- **RECICLAGEM**
- **SILVICULTURA**

Qualidade que o Mundo Reconhece



A conquista da Certifi-
cação de Qualidade da

Norma **ISO 9002** vem conso-
lidar a competência do tra-
balho desenvolvido pela
empresa em seus 40 anos de

evolução. Com um constante apri-
mamento na fabricação e distribuição

dos Equipamentos
de Transmissão de Força

FALK e **SAUER SUNDSTRAND**

a **PTI** comprova sua qualificação no
mercado industrial, agora com Cer-
tificado Internacional.



CERT. REGISTRO ABS QE nº 31132



**POWER
TRANSMISSION
INDUSTRIES**

PTI - POWER TRANSMISSION INDUSTRIES DO BRASIL S.A.
Rua José Martins Coelho, 300 ■ CEP 04461-050 ■ S. Paulo ■ SP
Tel.: (011) 548-4011 ■ Fax: (011) 246-9439 ■ Telex: 11 56811

LONGA JORNADA PARA O CRESCIMENTO

Osmar Elias Zogbi (*)



"Saímos da incômoda situação de importadores, nos colocando hoje como exportadores, responsáveis por mais de 5% do total das exportações brasileiras"

Com a internacionalização da economia e a importância crescente do comércio externo, a empresa privada tem deixado de ser algo particular para assumir um caráter público e de interesse nacional. Isso porque cria empregos, gera divisas, arrecada impostos, absorve tecnologia, produz riqueza e portanto se torna um valioso bem social.

No entanto, apesar dessa nova realidade, o setor produtivo no Brasil está submetido a inúmeros gargalos, enfrentando gravames tributários, particularmente nas exportações, que precisam ser contornados a partir da adequação de um conjunto de questões legais às necessidades atuais da economia brasileira, cada vez mais globalizada.

Construímos nos últimos vinte anos, um admirável complexo industrial. Neste tempo, saímos da incômoda situação de importadores de papel e celulose, nos colocando hoje como exportadores, sendo responsáveis por mais de 5% do total das exportações brasileiras em 1995.

Essa crescente inserção do Brasil no comércio internacional tem revelado, contudo, que qualquer alteração nas condições internas de produção, produz reflexos profundos na nossa atividade, muitas vezes tirando complementemente nosso poder de competitividade, o que nos faz perder mercados difíceis de serem reconquistados, prejudicando também a economia do país.

É a partir desta idéia aliada a outra relativa às pers-

pectivas de ampliação do consumo interno e novas oportunidades no mercado internacional, que estamos trabalhando para criar as condições essenciais para darmos um novo salto, com o nosso programa de investimentos para o setor de papel e celulose, um plano tão ambicioso quanto o de há vinte anos, que nos permitirá quase dobrar a produção de celulose e papel.

No entanto, é preciso termos presente que existe um longo e difícil caminho a ser percorrido, dada a grande dimensão e a enorme complexidade das questões que precisam ser tocadas, como por exemplo, o programa de ampliação da base florestal e outras relativas à me-

lhoria e adequação dos financiamentos do BNDES, eliminação da cunha fiscal dos empréstimos externos, redução ou eliminação de tributos sobre investimentos, produção e exportação, particularmente os incidentes sobre os bens de capital e sobre as exportações de celulose. Essas são, contudo, questões vitais para que se possa criar um ambiente econômico propício ao investimento produtivo, que é no que estamos empenhados.

É essa idéia articulada que já parece permear os mais importantes gabinetes do Governo Federal, o que é um sinal positivo de que os esforços empreendidos no sentido de viabilizar o programa de investimentos do setor começam a apresentar resultados.

(*) Osmar Elias Zogbi é presidente da ANFPC - Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose.



PRINTMAX ALCALINO. ALVURA EM PAPEL OFF SET COMO VOCÊ NUNCA VIU.

O que já era bom ficou ainda melhor:
Printmax virou Printmax Alcalino.
O resultado é um papel de última
geração para gráficas e editoras.
Um papel que imprime melhor em frente
e verso. Diminui o desgaste dos
equipamentos. Tem mais opacidade.
É mais sedoso. Mais resistente. Mais
encorpado. E, principalmente, é muito
mais branco. Printmax é o único papel
alcalino do mercado com tecnologia

da Specialty Minerals Inc.
Printmax não fica amarelo e não sofre
o desgaste do tempo. Em outras
palavras: os livros, cadernos, revistas,
catálogos e impressos em geral
produzidos com Printmax Alcalino
tem muito mais qualidade. E 200 anos
de durabilidade.
E por incrível que pareça, não custa mais.
Agora você já sabe: na hora de comprar
um papel offset, vai dar o maior branco.

PRINTMAX



CELULOSE & PAPEL

Ano XIII - Maio/Junho 96 - n° 54

A revista **Celulose & Papel** é órgão oficial da ANFPC - Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose

Rua Afonso de Freitas, 499
CEP 04006 - São Paulo - SP
Fone: (011) 885-1845

e mail: anfpcsp@br.homesshopping.com.br

Diretor Responsável
Osmar Elias Zogbi

Conselho Editorial
Alberto Fabiano Pires
Alfred Freund
Lenomir Trombini
Mário Higino Leonel
Ronaldo A. Guedes Pereira
Ruy Haidar

Conselho Consultivo
GT2 Divulgação



Não contamine
USE PAPEL

Celulose & Papel é produzida e editada pela
Unipress Editorial ISSN 0102-5279

UNIPRESS
EMPRESA DE COMUNICAÇÃO

Diretoria

Alaôr José Gomes
Reginaldo Finotti

Diretor de Redação e Editor
Reginaldo Finotti

Redação

Adelina Bracco
Ana Lúcia Venterim
Maroni J. da Silva
Sílvia Pimentel

Colaboração

Cesar Dassie

Diagramação

Marco Aurélio Sismotto

Publicidade

José Cruz Filho

Relações Públicas

Lina Carla Finotti

Redação, Administração e Publicidade

Alameda Santos, 2.224 - 6° andar
Conj. 61 - Fone (011) 881-8044
Fax (011) 881-7081
CEP 01418-200 - São Paulo - SP

Fotolitos: Lincyr Color

Impressão: Ispis Gráfica e Editora S.A.

SUMÁRIO



MATURIDADE AMBIENTAL

O setor de celulose e papel, que investe pesado em modernização industrial, está na vanguarda do processo de preservação do meio ambiente no país. E mais: é pioneiro na adoção dos conceitos de gestão ambiental para o desenvolvimento sustentável.

11

ISO 14000 ESTRÉIA NO RIO

A cidade que abrigou a Eco-92 agora é sede de mais uma importante iniciativa internacional: a reunião que eleva minutas da série à categoria de normas universais. O representante brasileiro no comitê que prepara as diretrizes revela o que vai mudar daqui para frente.

7

AVANÇOS DA RECICLAGEM

Uma visão abrangente mostra que o Brasil não fica atrás dos países desenvolvidos em matéria de reciclagem de papel. Quase 2 milhões de toneladas por ano de aparas se transformam novamente em papel para várias finalidades.

18

DESARTICULAÇÃO FLORESTAL

Estratégias isoladas impedem maiores conquistas da silvicultura. A reportagem traça um panorama do setor, que movimenta US\$ 16,5 bi por ano.

20

GENTE

Com uma vida totalmente voltada ao setor, Celso Edmundo Bochetti Foelkel é um autêntico aficcionado da natureza. Descubra a razão nesta entrevista, que fala também da sua formação profissional e da vida em família.

25

LEIA TAMBÉM

Planos de participação nos lucros/resultados
O crescimento da mídia
Opinião

31
32
34

SOB HOLOFOTES INTERNACIONAIS

Comandada por Maurício Reis, a participação brasileira no comitê técnico TC - 207 da ISO é uma das mais influentes. Na reunião do Rio, minutas sobre gestão ambiental da série foram elevadas à categoria de normas universais

Texto: Adelina Bracco



Rio: cidade-referência de iniciativas internacionais sobre meio ambiente

Para defender os interesses brasileiros na formulação das normas internacionais de sistemas de gestão ambiental, da International Standardization Organization (ISO), Maurício Reis, coordenador da representação do país no comitê técnico TC-207, não deixa por menos. Empenha-se em apresentar propostas imparciais e de quali-

dade incontestável, mirando, ao mesmo tempo, o alvo do fortalecimento do livre comércio mundial. A fórmula, até agora, está dando certo e o resultado ganha ares de façanha: “Podemos afirmar que as normas básicas estão atendendo nossas expectativas”, afirma Reis.

Segundo ele, o Brasil é hoje um dos países mais ativos e influentes no TC-

207, participando de todos os subcomitês e grupos técnicos, integrando também a comissão de assessoramento estratégico, na qual têm assento apenas nove países.

E não é só. A excelência das intervenções brasileiras foi reconhecida também na hora de escolher o Rio de Janeiro para sediar a 4ª Reunião Plenária do TC 207, de 18 a 23 de junho, consagrando a ci-

dade, que, tempos atrás, abrigou a Rio-92, como palco de mais uma importante iniciativa internacional rumo ao desenvolvimento sustentável.

No Hotel Intercontinental, representantes de aproximadamente 60 países transformaram em parâmetros internacionais, de adesão voluntária, as normas ISO 14001 e 14004, de gerenciamento e auditoria ambientais, e as 14010, 14011 e 14012, da série ISO 14000. Na mesma ocasião, outros temas, como rotulagem ambiental, avaliação de desempenho ambiental e análise de ciclo de vida foram apreciados e alguns passaram a minutas de normas internacionais, completando mais uma etapa para a publicação integral da série.

Maurício Reis participa do comitê através do ABNT/Gana, um colegiado



Foto: Diniz/Agência

Maurício Reis: horror ao 'marketing verde'

formado por 34 empresas e instituições mantenedoras nacionais, além de diversas organizações que prestam apoio técnico. A função que ele exerce, de coordenador geral, é eletiva. Reis, que é também gerente geral de desenvolvimento sustentável da Cia. Vale do Rio Doce, assegura que a publicação formal das normas internacionais, que deverá ocorrer brevemente, significará a existência de um padrão universal para implementação e avaliação dos sistemas de gestão ambiental. "A partir de agora, uma empresa poderá demonstrar que está inserindo a variável ambiental na gestão de seus negócios."

Para o Brasil, que ocupa espaço crescente no comércio global, essa variável tem vital importância. As empresas locais, recomenda o coordenador, devem estar atentas para a possibilidade de "condenação" ou "inquisição verde" de determinados produtos ou setores.

Reis destaca que o país está sob os holofotes internacionais no que tange às questões ambientais e comenta que especialmente a Amazônia desperta as atenções de todos os povos do planeta. Relata que, com frequência, podem ser vistas no noticiário internacional ("às vezes de forma justa") as clássicas cenas de queimadas e desmatamentos. "Para os olhos do consumidor europeu, norte-americano ou japonês, o Brasil é uma imensa Amazônia", compara.

Quanto ao mercado interno, Reis ressalta que, numa economia globalizada, os diferentes perfis dos consumidores acabam se tornando bastante fluidos. "Pensar que o consumidor brasileiro não estará alinhado aos requisitos de qualidade praticados no mercado internacional é, no mínimo, uma atitude empresarial suicida."

De acordo com Reis, as empresas que adotarem a norma ISO 14001 terão a possibilidade de demonstrar que atendem a uma especificação internacionalmente reconhecida, o

LIVRO TRAZ A SÉRIE COMPLETA

de informações equivocadas sobre o assunto. "Tais informações comprometem a boa compreensão da nova série e iriam conduzir a uma possível confusão que em nada interessaria à competitividade nacional", diz o autor.

Assim, logo após a 3ª Reunião Plenária do TC-207, em Oslo (Noruega), realizada de 23 de junho a 1º de julho do ano pas-

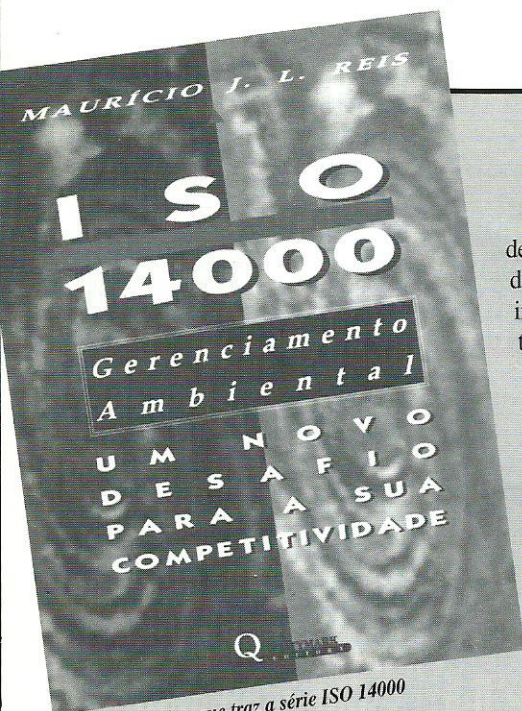
sado, Reis lançou "ISO 14000 - Gerenciamento Ambiental - Um Desafio para a sua Competitividade". No livro, ele sustenta que a componente ambiental veio para ficar.

Ele está dividido em 12 partes, a maioria dedicada ao conteúdo de cada norma da série ISO 14000. A norma britânica BS 7750 também é analisada por ser a precursora. Valendo-se de diagramas e quadros, Reis oferece ainda uma

visão completa da estrutura do comitê técnico no qual atua, o TC-207, tarefas e responsabilidade dos subcomitês, minutas produzidas e em elaboração.

As principais definições utilizadas pela ISO podem ser localizadas facilmente. O livro é uma ferramenta útil para todos os que na empresa estiverem envolvidos no gerenciamento ambiental. Mas, não se trata de um manual de implementação das normas. O autor adianta que esse tema merecerá uma nova obra, na qual já trabalha, e que deverá ser lançada brevemente.

Reis conta que consegue avaliar a repercussão do seu primeiro livro a partir das várias consultas formuladas por empresas. "Posso antever uma rápida propagação e adoção das normas da série no Brasil, o que para mim é motivo de enorme satisfação, já que me sinto um pouco responsável pelo seu atual nível de difusão."



Capa da obra que traz a série ISO 14000

Maurício Reis, coordenador do ABNT/Gana, que representa o Brasil na ISO, resolveu traduzir e colocar à disposição do público brasileiro toda a série ISO 14000, no seu estágio mais avançado, com a análise de sua relação com a competitividade das empresas e dos países.

A principal razão para se entregar a essa tarefa foi a difusão

CYTEC

Depósitos?? Só em RDB ou CDB com o dinheiro que sua empresa vai poupar com nossos produtos.



Emulsificador de Cola Ace 400
Garantia de aplicação limpa.

PROCESSOS ALCALINO E ÁCIDO

Uma solução para cada problema

® Marca registrada da Cytec Industries Inc.

- | | |
|------------|---|
| ACCOSIZE ® | Sistema Asa de colagem alcalina |
| CYPRES ® | Agente de colagem superficial |
| ACCURAC ® | Agentes de retenção aniônicos e catiônicos |
| POLYFLEX ® | Sistema de retenção Dual por micropolímeros |
| PAREZ ® | Agente de resistência a úmido |
| | Agente de <i>Cross-linking</i> |

CYTEC DO BRASIL LTDA.

Rua Quintana, 753 • Cj. 51/52 • Brooklin Novo • SP
Fone: (011) 5505-4588 Fax: (011) 5505-4565

que será um importante instrumento para alavancar a competitividade.

“O Brasil não pode ficar para trás, especialmente pela nossa maior exposição na área ambiental”, argumenta Reis. Ressalva, porém, que não se trata de uma competição olímpica e sim de uma vantagem competitiva que deve se adquirir o quanto antes.

Para ele, as empresas brasileiras estão despertando rapidamente para as vantagens de implantar um sistema de gestão ambiental, já que todas estão sujeitas às leis cada vez mais severas, que impõem padrões rigorosos de controle.

No caso das indústrias de papel e celulose, ele frisa que não é de hoje que enfrentam uma feroz concorrência, particularmente no mercado europeu, e cita o exemplo da Bahia Sul, a única do setor que já está certificada pela BS 7750 e pela minuta da norma ISO 14001.

Inversamente ao entusiasmo proporcionado pela normatização, Maurício Reis

confessa ter horror ao chamado “marketing verde”, uma espécie de maquiagem de quem, possivelmente, não deseja enfrentar a fundo o problema. Pondera que se uma empresa se declara “amiga do meio ambiente” por estar contribuindo para a manutenção de uma floresta ou para a salvação de uma espécie ameaçada de extinção, não pode fechar os olhos à qualidade ambiental dos seus próprios processos, produtos e serviços.

No entanto, acrescenta que “se ela informa ao consumidor que suas atividades são realizadas de acordo com uma norma internacional de gestão ambiental e que, além disso, mantém programas de conservação e/ou recuperação ambiental, então merece todos os aplausos.”


Sob o ponto de vista financeiro, Maurício Reis afirma que a ISO 14001 é aplicável a qualquer empresa, de qualquer porte ou setor. “Seus custos de implementação não são padronizáveis, sendo dependentes de inúmeros fatores, principalmente os que se relacionam à qualidade do gerenciamento da empresa, seja ela pequena, média ou grande.” Informa ainda que a Finep - Financiadora de Estudos e Projetos, já dispõe de uma linha de crédito desenvolvida para apoiar empresas que desejarem implantar o sistema de gestão ambiental.

Para quem tem dúvidas se esses investimentos darão retorno, Reis lembra, em contrapartida, que poluição é sempre um defeito operacional, expressando-se sob a forma de aumento de custos ou perda de receita. “A gestão ambiental dá lucro porque permite que sejam tratadas as causas do defeito, evitando que enormes investimentos sejam feitos para tentar sanar as consequências.”

BAHIA SUL DEVE REPETIR PIONEIRISMO COM ISO 14001

Além de se tornar a primeira empresa do setor de celulose e papel do país apta a obter a ISO 14001, por já possuir a ISO/DIS 14001, a Bahia Sul poderá ser também uma das únicas do mundo a conseguir essa nova certificação de adequação às normas internacionais de qualidade ambiental.

O coordenador de Garantia de Qualidade da Bahia Sul, Jorge Cajazeira, analisa que “com apenas quatro anos de atividade, a empresa já obteve importantes reconhecimentos internacionais dos seus sistemas de gerenciamento da qualidade e do meio ambiente.”



Certificate of Approval

Awarded to
**BAHIA SUL CELULOSE S.A.,
 MUCURI, TEIXEIRA DE FREITAS, CARAVELAS/BA & PEDRO CANARIO/ES,
 BRAZIL.**

Bureau Veritas Quality International certify that the Management System of the above operator has been assessed and found to be in accordance with the requirements of the environmental standards and operational scope detailed below

ENVIRONMENTAL STANDARDS
ISO/DIS 14001


OPERATIONAL SCOPE
**NATURAL RESOURCES RELATED TO WOOD PRODUCTION
 AND INDUSTRIAL ACTIVITIES TO BLEACHED PULP
 AND PAPER MANUFACTURE.**

Subject to the continued satisfactory implementation of the operator's Management System, this Certificate is valid for a period of three years from:
7TH FEBRUARY, 1995

*This Certificate denotes compliance with ISO/DIS 14001.
 It is subject to re-confirmation when the status of the Draft changes.*

Date **22ND JANUARY, 1996**

Certificate No: **10603/B**



For Bureau Veritas Quality International

SF06/T3

ISO/DIS 14001 conferido à Bahia Sul

Localizada em Mucuri, no extremo sul da Bahia, ela cultiva eucalipto pela técnica de plantio em mosaico, com grandes trechos entre as plantações reservados à mata nativa. Esse sistema garante a preservação da biodiversidade e a circulação e reprodução de espécies de aves e animais.

Há quatro anos, patrocina o Programa de Interpretação e Educação Ambiental desenvolvido pela equipe do Parque Nacional Marinho dos Abrolhos e o Projeto Tamar, de preservação das tartarugas marinhas.

Sua capacidade instalada é de 500 mil toneladas/ano de celulose e 210 mil toneladas/ano de papel.

Em 1995, registrou seu segundo lucro consecutivo: R\$ 27,1 milhões, 7,4% superior ao de 1994. Gera cerca de 4 mil empregos diretos, sendo 50% próprios e o restante de terceiros.

A GESTÃO AMBIENTAL NO SETOR DE CELULOSE E PAPEL

O setor, que tem feito grandes investimentos na modernização industrial, está na vanguarda do processo de preservação ambiental e é um dos líderes na obtenção de certificados internacionais de qualidade

Texto: Maroni J. da Silva

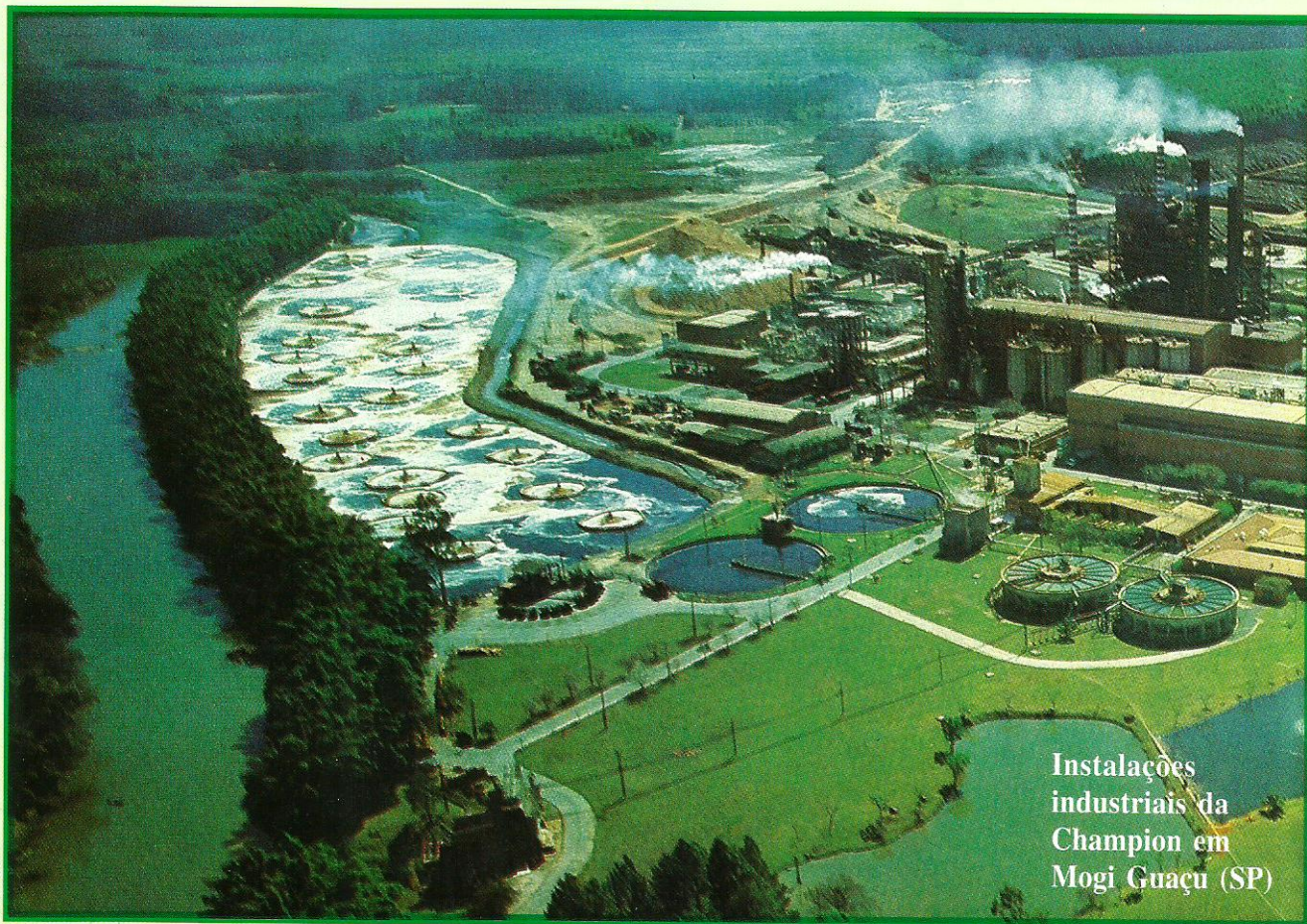


Foto: D. Magalhães

O impacto ambiental causado por determinadas atividades econômicas introduzidas pela matriz industrial no pós-guerra, altamente consumidora de recursos naturais, como o setor de celulose e papel por exemplo, tem representado um grande desafio à capacidade criativa da economia de mercado, cada vez mais competitiva e globalizada. A principal preocupação dos agentes econômicos, autoridades e organismos não-governamentais manifesta em fóruns como a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, a Rio-92, é como uti-

lizar a natureza como um fator de produção, como ainda hoje ensinam os manuais de economia, sem comprometer a biodiversidade.

Embora a partir dos anos 70, a economia mundial tenha ingressado em um novo ciclo, implementando tecnologias mais limpas, operando com uma elevada demanda de informação e de conhecimentos, com relativa redução do consumo de recursos ambientais e menor produção de efluentes, o passivo ambiental ainda é grande.

Na década de 80, segundo dados da *Organization for Economic Cooperation*

and Development (OCDE), o setor industrial nos países desenvolvidos foi responsável por 50% do efeito estufa, 40 a 50% das emissões de óxidos de enxofre e por 25% das emissões de óxidos de nitrogênio. Na mesma época, a indústria contribuiu com 60% da demanda bioquímica de oxigênio e de material em suspensão e com 90% dos resíduos tóxicos na água, além de ter despejado 75% do lixo orgânico.

Internamente, segundo o Relatório Nacional do Brasil para a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (UNCED -92), "são

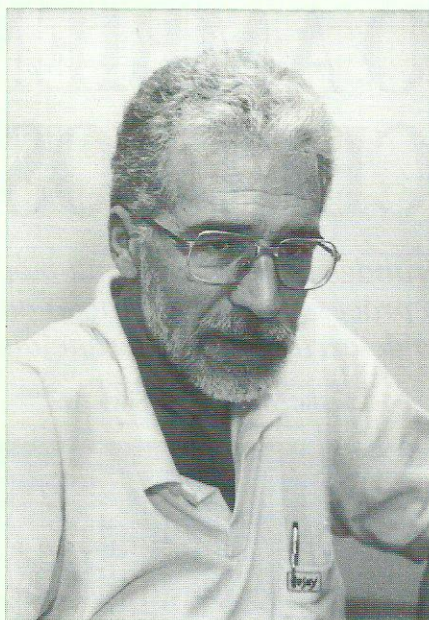
precárias as condições técnicas de moderação do impacto ambiental da indústria”. Depois de mencionar Cubatão como “o mais agudo caso de poluição ambiental atmosférica e hídrica das concentrações industriais”, o relatório afirma, contudo, que não existem dados detalhados sobre o desempenho ambiental dos diversos segmentos industriais. Mas reconhece que “existe uma grande diversidade

tecnológica nos diferentes núcleos produtivos e etapas do processo industrial”.

O setor de celulose e papel, que tem feito grandes investimentos na modernização industrial, está na vanguarda do processo de preservação ambiental, juntamente com a indústria química e automobilística, segundo um levantamento recente feito por consultores industriais de São Paulo. No total, foram “auditados” dez setores industriais, com o objetivo de definir as empresas líderes em cada um deles no desempenho ambiental, com base em 20 itens, entre os quais política de meio ambiente, gestão da qualidade do ar e da água, alocação de recursos, conscientização e treinamento, controle operacional, requisitos legais, medições e avaliações ambientais e melhoria contínua.

Seguindo a lógica do mercado, os fabricantes de celulose e papel buscam as certificações pela BS 7750 e ISO 14000. Mas essas conquistas, observa Armando Luiz de Souza Mesquita, coordenador do Grupo de Trabalho de Meio Ambiente da ANFPC, é apenas um dos resultados do esforço de modernização na área ambiental. Do ponto de vista do conjunto das empresas que compõem o setor, é difícil quantificar, financeiramente, o montante de investimentos neste sentido, bem como se as melhorias introduzidas cobrem todas as unidades.

Existem, contudo alguns parâmetros estabelecidos a partir da prática corrente. Estima-se, inclusive no BNDES, que 10% do investimento total numa planta de celulose e papel vão para o meio ambiente. Considerando-se só o que o Banco aplicou no setor, de 1990 até o primeiro trimestre deste ano, em milhões de dólares (US\$ 2.745), chega-se a um valor parcial dos gastos. Outro dado: se o raciocínio partir da produção e não do número de unidades, é possível dizer que as ativida-



O engenheiro Armando Mesquita, da Suzano

des de cerca de 90% dos fabricantes estão respaldadas por políticas ambientais.

Cada empresa define suas prioridades, mas no geral, diz Mesquita, “pode-se afirmar que o setor atingiu a maturidade no trato da questão ambiental”. A Engenharia de Controle Ambiental evoluiu tanto, que hoje a indústria recupera 97% dos produtos que utiliza na produção, gerando bem menos carga poluidora. Nas novas

unidades, a redução dos resíduos chegou a quatro vezes menos. A demanda bioquímica de oxigênio atinge valores entre 18 e 20 quilos por tonelada de celulose, contra 60 a 70 quilos por toneladas nas antigas fábricas.

Atualmente, o controle ambiental praticado pela indústria está mais centrado no processo, com a implementação de medidas que envolvem a seleção de equipamentos que geram menos resíduos e que permitem sua recirculação ou reaproveitamento. Trata-se de um conjunto de ações emanadas da gestão ambiental, onde as variáveis técnicas resultam também em importantes economias de escala. Isso acontece graças à utilização racional da matéria-prima, com menor desperdício de fibras no processo, recuperação de produtos químicos e menor consumo de energia.

A sustentabilidade do setor passa também pelo manejo adequado e uso racional das florestas, onde a pesquisa e o desenvolvimento contabilizaram resultados significativos nos últimos anos, bem como a preservação dos recursos hídricos. Recentemente, a Aracruz - maior fabricante de celulose do país, com um milhão de toneladas/ano - ganhou prêmio de desenvolvimento sustentável das Nações Unidas, pelo sistema de manejo florestal que adota. Para cada 2,4 hectares de eucalipto, a empresa dispõe de um hectare de reserva nativa, cujo total cobre 56 mil hectares.

Em nível de setor, apesar do esforço individual de cada empresa, não existe disponível um inventário dos ativos ambientais, inclusive pela dificuldade de classificar adequadamente os gastos, separando o que foi aplicado diretamente na indústria e na preservação ambiental. Há diferenças de método de abordagem, da mesma forma que no volume do investimento. Contudo, algumas tecnologias de controle são comuns a todas as grandes empresas, tanto na área interna quanto externa.

Um exemplo é o processo de pré-branqueamento de celulose com oxigênio, que significa a remoção do licor de cozimento impregnado nas fibras de celulose. Esse processo permite a recuperação do licor



Precipitadores eletrostáticos para limpeza do ar da Bahia Sul

removido com o objetivo de deixar a polpa mais limpa, quando for para o branqueamento propriamente dito, gerando menor carga de poluentes hídricos.

Do ponto de vista ambiental, explica Mesquita, que também é gerente geral do Centro de Pesquisa de Celulose, Papel e Meio Ambiente da Companhia Suzano de Papel e Celulose, é fundamental lavar bem a celulose antes do branqueamento químico. Isso porque o efluente liberado nesta etapa não pode ser recuperado; vai para a estação de tratamento.

A Suzano foi uma das pioneiras na introdução do pré-branqueamento, antecipando-se, até mesmo à legislação vigente. O processo foi implementado através do Projeto "O" (de otimização), com investimento total de US\$ 104 milhões. Além de aumentar a produtividade da fábrica em cerca de 30% (a produção atual é de 400 mil toneladas/ano de celulose e 250 mil toneladas/ano de papel), o projeto resultou numa série de melhorias.

Na fábrica, foi possível reduzir, significativamente, a geração de efluentes líquidos, aéreos e resíduos sólidos. Na parte externa, houve a instalação e remodelação de sistemas destinados a tratar com alta eficiência os efluentes líquidos, aéreos e resíduos sólidos. O Projeto "O" abriu, o caminho para a eliminação total do cloro no branqueamento, a partir de 1991, implantando a produção de celulose "ECF", contribuindo assim para a redução de organoclorados nos efluentes.

Projeto semelhante está em andamento na Klabin Fabricadora de Papel e Celulose, em conjunto com outras iniciativas de controle ambiental, que deverão consumir US\$ 49,8 milhões até o segundo semestre de 1997, conforme informou Ricardo Coraiola, gerente de Controle Ambiental e Pesquisa. Fazem parte deste pacote uma nova planta de branqueamento dentro do conceito TCF, reforma do forno de cal e caustificação, reforma da evaporação com incorporação de coluna de destilação para condensados contaminados e reforma de



Lagoas de aerção da Aracruz, para tratamento dos efluentes

caldeira de força número seis, com paralisação das caldeiras de carvão.

As metas para os próximos anos incluem redução na carga orgânica lançada ao corpo receptor, menor consumo de água e queda na taxa de emissão de particulados para a atmosfera e na geração de resíduos sólidos. Nos projetos de expansão da capacidade, através de novas unidades, explica Coraiola, a empresa tem procurado utilizar tecnologias mais limpas, enquanto nas unidades existentes a preocupação maior é no controle pós-processo.

De 1991 até agora, já foram gastos US\$ 7,1 milhões em projetos de conformidade, confiabilidade e autogestão, que fazem parte do Plano Diretor de Controle Ambiental, elaborado como parte da política de qualidade da empresa, que é certificada pela ISO 9002. O dinheiro foi aplicado no reaproveitamento de águas e fibras e estação de tratamento dos efluentes industriais com instalação de reator de lodos ativados adicional ao filtro biológico. Essas melhorias resultaram na redução da poluição hídrica, recuperação de áreas degradadas, disposição adequada de resíduos e confiabilidade no monitoramento das emissões.

Na Aracruz, a questão ambiental tem sido uma preocupação constante da em-

presa, principalmente a partir de uma pesquisa realizada junto aos clientes, entre os quais a variável ambiental é considerada o quarto fator mais importante numa decisão de compra, ficando atrás apenas da qualidade, da assistência técnica e do preço. Incluindo os investimentos na área florestal, o controle ambiental consumiu algo em torno de US\$ 231 milhões, desde a implantação da fábrica, em 1967, até hoje.

Uma das iniciativas mais importantes, segundo informou Carlos Alberto Roxo, gerente de Qualidade Empresarial e Relações Corporativas da empresa, foi o Projeto "F" (*Free*), implementado em 1992, com investimentos de US\$ 100 milhões, com o objetivo de introduzir o branqueamento da celulose. Na seqüência, foram tomadas outras decisões importantes, como a construção da Lagoa de Tratamento Biológico, bem como a própria implementação do Sistema de Gestão Ambiental, freqüentemente auditado por clientes estrangeiros, já que a Aracruz exporta 90% de sua produção de celulose.

A Riocell, que começou a branquear sua celulose em março de 1983, representa um verdadeiro marco na história do setor de celulose e papel brasileiro, na busca do *benchmarking* na área ambiental. Depois de enfrentar inúmeros problemas com a

comunidade gaúcha, na década de 70, quando ainda se chamava Borregaard, a empresa promoveu uma total reformulação dos processos industriais, investindo mais de US\$ 41 milhões em quatro áreas básicas de controle ambiental: emissões aéreas, efluentes hídricos, resíduos sólidos industriais e controle da qualidade ambiental.

A maior parte do dinheiro (US\$ 26,25 milhões), relata Nei Rubens Lima, chefe do Departamento de Águas e Efluentes, foi gasta em projetos de controle dos efluentes hídricos, principalmente a construção de uma estação de tratamento, que custou mais de US\$ 19 milhões. Foram implantados ainda muitos outros projetos, seguindo novos conceitos e avançada tecnologia de controle ambiental.

Com o início da produção da polpa branqueada, a Riocell atingiu os padrões recomendados para emissões aéreas e hídricas, mas a busca da melhoria contínua foi mantida, inclusive com novos investimentos. Em 1994, foi implementado, internamente, o Sistema de Gerenciamento Ambiental (Siga), que estrutura as atividades da empresa em função dos seus efeitos



Carlos Alberto Roxo, da Aracruz

ambientais, estabelecendo normas e procedimentos para determinar um desempenho padrão nos diversos setores.

No ano passado, a Riocell iniciou o processo para obter a adesão dos fornecedores da área florestal ao Siga, candidatando-se à norma inglesa BS 7750. A certificação ambiental, mas ainda pela ISO 14000, faz parte também das metas da Champion Papel e Celulose, para o próximo ano, segundo o gerente de

Relações Externas José Miguel Martini.

Nos últimos cinco anos, a empresa investiu US\$ 65 milhões na área ambiental, priorizando os gastos com a substituição do cloro por oxigênio, no branqueamento da celulose, e com o tratamento de efluentes líquidos. Os projetos da empresa envolvem ações durante e após o processo de fabricação, sendo que a preocupação atual é reduzir a emissão de particulados na caldeira de biomassa, buscando a melhoria ambiental contínua.

Unidades mais recentes, como é o caso da Bahia Sul, que começou a operar em 1992, em

Mucuri, na Bahia, com capacidade instalada para 500 mil toneladas/ano de celulose e outras 250 de papel, já incorporaram ao projeto original o que existe de mais moderno em tecnologia de controle ambiental, conforme explicou Umberto Caldeira Cinque, gerente de Garantia da Qualidade.

Desde a sua implantação, a empresa investiu mais de US\$ 90 milhões na área ambiental (US\$ 70 milhões na indústria e



A Riocell, que sucedeu a Borregaard, foi uma das primeiras 'cases' de gestão ambiental no setor celulósico-papeleiro. Na época, foi desenvolvido um amplo programa de comunicação institucional

US\$ 20 milhões em florestas). Do total gasto na indústria, US\$ 22 milhões foram para o processo de pré-branqueamento e branqueamento de celulose, constituindo-se na maior fatia. Houve gastos também no controle de resíduos, gases, emissões, monitoramento do meio aquático e no gerenciamento.

Em troca desse desforço, a Bahia Sul foi duplamente premiada: obteve a certificação pela ISO 14001 e pela BS-7750, que serviu de referência para a ISO 14001. A mobilização para obter as certificações envolveu todos os níveis da empresa, clientes e fornecedores, num trabalho que durou 20 meses e consumiu US\$ 1 milhão. A empresa promoveu treinamentos que somaram 20 mil horas/homem e a normatização de 872 procedimentos internos.

Outro exemplo de como os novos fabricantes incorporaram o conceito de controle ambiental à produção pode ser observado a partir da evolução tecnológica da Cenibra, que investiu US\$ 120 milhões na área ambiental, até 1995. Este valor não inclui os custos de operação e manutenção dos sistemas e equipamentos de controle, como informou Márcio Costa, gerente do Departamento de Controle Ambiental.

Um dado significativo é a diferença na produção de efluentes entre a fábrica I, implantada em 1977, e a fábrica II, inaugurada no ano passado. Para a primeira, foi construída uma estação de tratamento com capacidade para 24 mil toneladas, contra 16 mil toneladas na II. Isso significa uma redução de mais de 30% na carga de material orgânico, graças à implantação, no processo, do pré-branqueamento da celulose.

Pela ordem, o maior volume de dinheiro foi consumido no controle interno, seguido pela área florestal, onde as reservas totalizam 70 mil hectares de terra. Na sequência, aparece o controle externo e pesquisas ambientais, como os maiores beneficiados pelos investimentos. Para duplicar a fábrica de celulose, por exemplo, a empresa teve que desenvolver pesquisas de impacto ambiental. É um estudo com o objetivo de medir os efeitos dos investimentos sobre a qualidade ambiental e a produtividade dos recursos naturais. Esse procedimento facilita, inclusive, a aprovação de novos projetos.

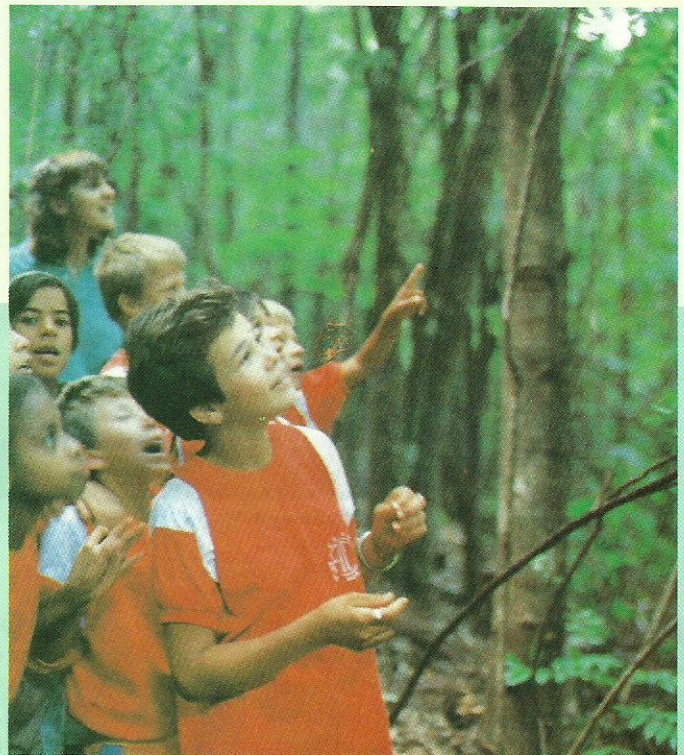
O embrião da política ambiental da Cenibra foi a Comissão de Meio Ambiente, criada em 1977, cujos membros estão trabalhando, hoje, na montagem do Sistema de Gestão Ambiental. A iniciativa deve culminar com a conquista da certificação pela ISO 14000, prevista para este ano. Márcio Costa justifica esta expectativa citando alguns resultados da política ambiental da empresa. Na década de 70, o consumo de água por tonelada de celulose chegava a 200 metros cúbicos; hoje, não ultrapassa a 70 metros cúbicos. A recirculação de água é de 76% e a reciclagem dos sólidos, 90%.

Tais avanços se dão, concomitantemente, ao crescimento da produção a partir da reciclagem de papel, produto não poluente, em índices comparáveis - acima de 35% - aos dos países desenvolvidos que ostentam grandes escalas de produção.

PROGRAMAS PARALELOS



Além da avançada tecnologia ambiental utilizada no processo industrial, as empresas desenvolvem vários programas em suas reservas florestais, que vão da fitoterapia, preservação da fauna, passando pela manutenção de parques e ecoturismo.



BRASIL ACOMPANHA MÉDIA MUNDIAL

Apesar do grande volume de produção, o país reaproveita quase 2 milhões de toneladas de papéis. Para Dante Ramenzoni, o índice é excelente



Foto: Arquivo

Atividade gera bons resultados e ganho ambiental

A taxa média brasileira de recuperação de aparas (que relaciona a quantidade de material reaproveitado com o consumo aparente de papéis/ano), é calculada em 38%, em sintonia, portanto, com os atuais níveis internacionais para o segmento. Esse dado consta do trabalho “Aspectos Gerais da Reciclagem de Papel no Brasil”, de autoria do consultor da ANFPC Alberto Fabiano Pires.

Para ele, o patamar não surpreende, uma vez que a origem das indústrias de papel no país se confunde com a atividade recicladora. “As primeiras fábricas, instaladas há mais de seis décadas, utilizavam papéis descartados”, diz o consultor.

Segundo dados da Conjuntura Setorial da

ANFPC, em 1995 foram recuperadas 1,76 milhão de toneladas de aparas, contra 1,71 milhão no ano anterior.

Se comparada com a produção total de papéis de todos os tipos (5,8 milhões de toneladas no ano passado), como prefere o vice-presidente da Associação para Reciclados, Dante Emílio Ramenzoni, a taxa de reciclagem cai para 35%, embora ganhe em volume, perfazendo de 1,9 milhão a 2 milhões de toneladas. Ramenzoni é presidente da Papyrus, uma das maiores fabricantes recicladoras do país.

Sem se prender à pequena discrepância numérica, Ramenzoni assegura que a média nacional é “excelente”, além de sustentar que a reciclagem é um tipo de atividade empre-

sarial geradora de bons resultados, apesar das flutuações de preços da matéria-prima. A Papyrus produz 200 toneladas/dia de cartões, constituídos por 72% de papéis reaproveitados.

O presidente do Cartonificio Valinhos, Segismundo Celani, também consultor da ANFPC, analisa que a conscientização sobre a recuperação dos resíduos sólidos pesou definitivamente na transformação da imagem do reciclador. “No início, o fabricante de artefatos de papel recuperado era visto com maus olhos. Hoje, devido ao movimento ecológico mundial, ele é encarado de forma bem diferente.”

Celani identifica ainda um maior grau de conscientização da população em geral de que

os resíduos devem ser reaproveitados tanto quanto possível. "Antes, tudo ia para incineração ou aterros", conta.

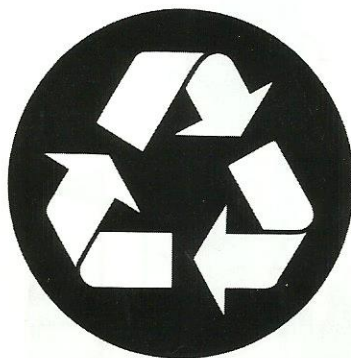
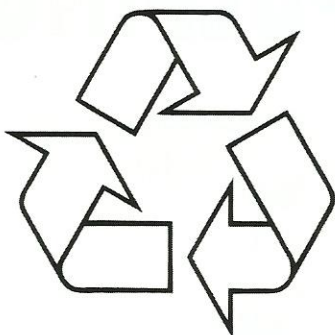
Em termos históricos, ele recorda que os primeiros depósitos de aparas surgiram em São Paulo e no Rio de Janeiro, na década de 20. "Anteriormente, era comum ver as fábricas de papel reciclando trapos, originando papel de algodão, linho, cânhamo etc."

Como atividade, a reciclagem de papel no Brasil é um complemento da produção de matéria-prima virgem, sem substituí-la, esclarece Fabiano Pires. Ele aponta que, de 160 empresas fabricantes de papel no país, 108 se enquadram como fabricantes recicladoras - aquelas em que o consumo de recicláveis na produção de papel representa mais de 50% do total de matérias-primas fibrosas consumidas.

Pires salienta que processo de reciclagem tem limitações. A começar pelo enfraquecimento das fibras durante os vários ciclos de reaproveitamento. Por isso, só se torna possível com a constante entrada de novos papéis recicláveis, produzidos total ou parcialmente com matérias-primas fibrosas virgens.

Quanto à formação dos preços, o principal custo é o da coleta, que "apresenta forte variação em função dos pontos de geração e do tipo de material disponível", observa Pires. Já existe uma estatística de preço de material reciclado, incluindo papel e papelão, englobando cidades de alguns Estados, elaborada pelo Cempre - Compromisso Empresarial para Reciclagem, uma instituição sem fins lucrativos voltada para o incentivo à reciclagem.

A ANFPC classifica mais de 20 tipos de



Símbolos diferentes para papel reciclável (acima) e reciclado

aparas. As brancas têm seu valor de negociação fixado em função dos preços em vigor das próprias fibras virgens. A negociação com aparas kraft, aparas de cartolina, de tipografia, caixas de papelão ondulado, entre outros itens, se dá em função da oferta e demanda de materiais recicláveis.

A geração de papéis recicláveis é identificada nos seguintes pontos: convertedores, supermercados, lojas de departamento e fá-

bricas, escritórios e residências. Cada ponto produz tipos específicos de aparas (e papel usado).

De acordo com o Cempre, a maior parte do papel destinado à reciclagem, cerca de 86%, é gerado por atividades comerciais e industriais; e mais, 60% do volume total de papel ondulado consumido no Brasil é reciclado.

O Ciclo

Segundo o Cempre, é o seguinte o ciclo da reciclagem do papel:

Ele é separado do lixo e vendido para sucateiros, que enviam o material para depósitos. O papel é então enfardado em prensas e depois encaminhado aos aparistas, que classificam as aparas e revendem para as fábricas de papel como matéria-prima.

Ao chegar à fábrica, o papel entra numa espécie de grande liquidificador, chamado "Hidropulper". O equipamento desagrega o papel, misturado com água, formando uma pasta de celulose.

Uma peneira abaixo do rotor deixa passar impurezas, como fibras, pedaços de papel não desagregado, arames e plástico. Em seguida, são aplicados compostos químicos - água e soda cáustica - para retirar tintas.

Uma depuração mais fina, feita pelo equipamento "Centre-Cleaners" separa as areias existentes na pasta.

Discos refinadores abrem um pouco mais as fibras de celulose, melhorando a ligação entre elas. Finalmente, a pasta é branqueada com cloro ou peróxido, seguindo para as máquinas de fabricar papel.

PAPELSUL



NOVO RIO
PAPEIS
COM. IND. LTDA.
BRASILIA - DF



COPELRIO
Comercio de Aparas de Papel Ltda
MANAUS - AM



OPEL - COMERCIO DE APARAS DE PAPEL LTDA
GOIANA - GO



J. ANINO DOS SANTOS & CIA. LTDA.
RIO DE JANEIRO - RJ



SANTA MARIA COMÉRCIO DE PAPEL LTDA.
BELO HORIZONTE - MG

**APARAS DIVERSAS
DE NORTE A SUL**

**REPRESENTAÇÕES
PAPELSUL LTDA**

GERMANO REBENTISCH - Sócio Gerente
Pça das Contendas, 106 - CEP 04673-170
Fone/Fax: (011) 247.4662 - Santo Amaro
São Paulo - SP

KVAERNER PULPING. Engenharia

ISO



A Kvaerner Pulping Ltda, braço brasileiro do Grupo KVAERNER, que é líder mundial no fornecimento de sistemas para a indústria de celulose e recuperação química, acaba de ter reconhecido mais uma vez seu esforço. Primando sempre em oferecer aos seus clientes o que há de melhor em soluções de Engenharia Avançada, com qualidade reconhecida, os mais altos níveis de segurança e proteção ao meio ambiente, recebe da Lloyd's Register Quality Assurance a certificação ISO 9001.

Esta aprovação certifica o Sistema de

KVAERNER

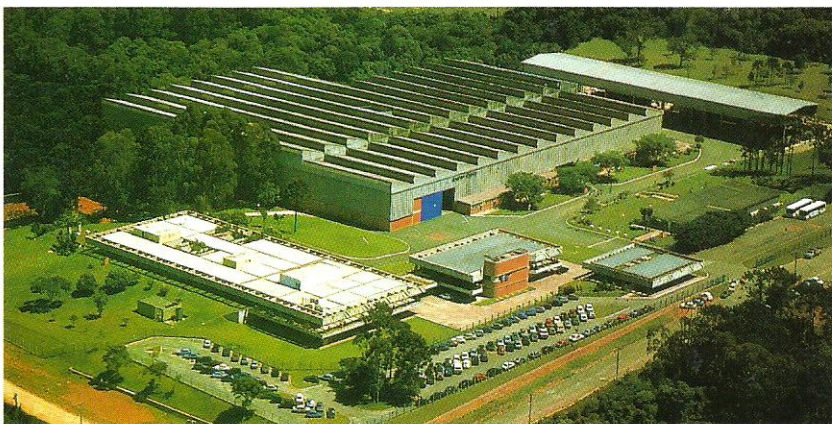
Avançada. Qualidade Reconhecida.

90001



Gerenciamento de Qualidade da Kvaerner Pulping Ltda. e reconhece a qualidade de seus serviços de Engenharia, Gerenciamento de Projeto, Fabricação e Serviços Pós-Vendas para Fábricas Completas de Celulose e Equipamentos para Indústria de Celulose, Produção de Petróleo, Gás e outros equipamentos correlatos.

Este certificado ISO 9001 virá somar-se à certificação ASME para vasos de pressão, a qual obtivemos em 1989, bem como a qualificação para fornecimentos à Petrobrás, obtida em 1995.



UNIDADE INDUSTRIAL DE CURITIBA

Kvaerner Pulping Ltda.

PLANTAS INDUSTRIAIS, EQUIPAMENTOS E SUPRIMENTOS PARA INDÚSTRIAS DE CELULOSE.

Francisco Sobania, 1300 - CIC - Curitiba - PR - CEP: 81.410-150 - Fone:(041) 341-4444 - Fax:(041) 348-1330/2306

KVAERNER

Em bom escandinavo, pronuncie KIVÉRNER

SILVICULTURA

NO CAMINHO DO DESENVOLVIMENTO

Texto: César Dassie

Como pode um setor que movimenta cerca de US\$ 16,5 bilhões ao ano ainda ser considerado desarticulado? Isto acontece no Brasil e é o retrato que se tem, hoje, do setor silvicultural. Para o presidente da Sociedade Brasileira de Silvicultura (SBS), Nelson Barboza Leite, o momento é de plena transição: "a integração das variáveis produtivas, sociais e ambientais desponta como a preocupação mais recente entre as estratégias das indústrias de base florestal."

Com uma história marcada por estratégias isoladas, o setor vem percebendo que não basta alcançar índices formidáveis de produtividade sem considerar a interferência exercida por todo contexto ligado às suas atividades. É o chamado desenvolvimento sustentável, que engloba interesses econômicos, sociais, ambientais e tecnológicos. Afinal, 1.200.000 pessoas estão direta ou indiretamente envolvidas neste processo e 280 milhões de metros cúbicos de madeira são consumidos anualmente pelas empresas nacionais. Segundo o presidente da SBS, trata-se de uma nova postura para o desenvolvimento, que está sendo cuidadosamente introduzida no setor. "É hora de repensar as necessidades do setor para, depois, promover ações concretas. Porém, é primordial que os tomadores de decisões estejam atentos à realidade brasileira, para que as modificações tenham condições de ser incorporadas no dia-dia das indústrias", alerta.

Características

Carvão vegetal, celulose, papel, compensados, laminados, chapas de fibras, aglomerados e madeira serrada são os segmentos que compõem o setor silvicultural brasileiro. Seja de florestas naturais ou plantadas, o País conta com potencial invejável diante do resto do mundo. No que se refere às explorações de nativas, 16% das reservas produtivas do planeta encontram-se em território nacional, o que resulta

Responsável por movimentar cerca de US\$ 16,5 bilhões ao ano, a silvicultura no Brasil ainda esbarra em fatores burocráticos: falta de articulação empresarial e indefinição governamental para uma política florestal. Para reverter esse quadro, é importante a participação das empresas na formulação das mudanças que já estão se processando.



numa comercialização internacional de toras da ordem de 4,5%. Amazônia (Norte), Caatinga (Nordeste), Cerrados (Sudeste e Centro-Oeste) e Floresta Temperada (Sul) são os principais patrimônios verdes utilizados nesse trabalho, dos quais retira-se algo por volta de 6 milhões de ha/ano (dados de 1992). Um ritmo bastante acelerado impulsionado pela expansão da fronteira agrícola e o uso da madeira como lenha ou carvão.

Nesse contexto, verifica-se como os manejamentos não sustentáveis podem destruir a riqueza florestal. É o caso da Mata Atlântica, que há 500 anos ligava a costa litorânea nacional num contínuo manto verde em 16 Estados, do Piauí ao Rio Grande do Sul. Para ter uma idéia, São Paulo, Paraná e Santa Catarina eram totalmente cobertos pelas árvores. Eram aproximadamente 1,1 milhão de quilômetros quadrados que, agora,

não ultrapassam 96.640 km².

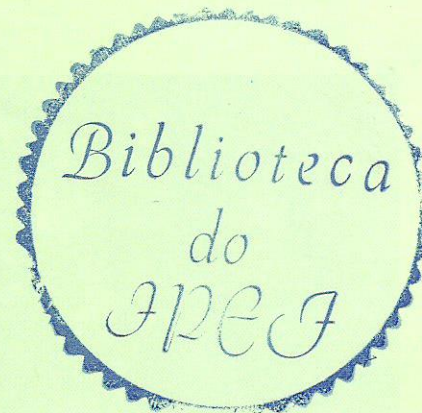
Mas o que se faz para conter a devastação?

Isoladamente, muitas empresas mantêm áreas vegetais intactas, onde preservam as remanescentes, descobrem novas espécies de animais e aves e desenvolvem trabalhos de regeneração. Uma postura ecologicamente correta que, ao mesmo tempo, contribui para a sobrevivência da natureza original e fortalece a imagem institucional.

Já no setor público, o Código Florestal estabeleceu 102 unidades de conservação em todo o Brasil, que totalizam somente 16.602.974 ha, distribuídos em 34 Parques Nacionais, 9.667.243 ha; 20 Reservas Biológicas, 2.174.984 ha; 30 Estações Ecológicas, 3.114.482 ha; seis Reservas Ecológicas, 1.130.148 ha; e 12 Áreas de Proteção Ambiental, 516.117 ha.

Diante desse quadro, percebe-se que, apenas com as vantagens tropicais, a silvi-

CULTURA DE EUCALIPTO E O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL



O setor alcançou altos índices de produtividade, embora atuando sem um plano florestal integrado

Muitas empresas mantêm áreas vegetais intactas, onde preservam fauna e flora nativas



Foto: Divulgação

cultura nacional não consegue se desenvolver. Que o Brasil apresenta excelentes condições naturais para atividade florestal ninguém duvida.

Graças ao trabalho de pesquisa, intensificada principalmente durante a época dos incentivos fiscais (1967 - 1987), o eucalipto ganhou dimensões competitivas, chegando a atingir, experimentalmente, índices superiores a 70 m³/ha/ano, com idade de corte de sete anos. Na fase pré-incentivos, esse volume era de tão-somente 15 m³/ha/ano. “Em termos numéricos, países como a Austrália não conseguem, nem em ensaios científicos, as mesmas médias alcançadas pelo Brasil”, afirma o engenheiro florestal do Centro Nacional de Pesquisas de Florestas (CNPFFlorestas), da Embrapa, em Colombo (PR), Antônio R. Higa. Resultado: de Norte a Sul do País a cultura do eucalipto abrange cerca de três milhões de hectares, o equivalente a 0,35% do território brasileiro. Isso reflete diretamente na redução da pressão sobre florestas nativas e aumento da qualidade do ar. No primeiro caso, cada hectare de eucalipto pode preservar de 5 a 10 hectares de floresta nativa; no segundo, cada árvore da espécie absorve até seis quilos de gás carbônico por ano — no mesmo período, um hectare (com 1.500 árvores) chega a consumir 9 toneladas de CO₂.

Segundo informações do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), os projetos de reflorestamento aprovados na época dos incentivos fiscais totalizaram cerca de seis milhões de hectares, sendo 52% de eucalipto e 30% de pinus. Não existem dados precisos do investimento que o governo despendeu para o setor. No entanto, segundo o coordenador de Silvicultura do Ibama, José Maurício de Souza, para chegar aos cálculos totais considera-se um custo de US\$ 800 por hectare, destinados ao plantio e três anos de manutenção. “Assim, temos que os incentivos para o reflorestamento ficaram em tor-



Setor precisa de iniciativas para alavancar o reflorestamento

no de US\$ 4,8 bilhões”.

Para se ter uma idéia, somente no Estado de São Paulo, antes de 1966, as florestas atingiam apenas 500 mil ha. Em 1987, as regiões Sul, Sudeste e Nordeste somavam oito milhões de ha. Nesse volume de árvores plantadas, o setor de celulose e papel teve grande participação pois, de 1970 a 1987, sua produção cresceu a uma média de 10,65% ao ano, sendo que 67% representavam as fibras curtas e 33% as fibras longas. “Com isso, foi possível a formação de estoques de madeira e a organização de equipes de pesquisa dentro das empresas”, revela o presidente da SBS.

Na opinião do chefe do Departamento de Ciências Florestais da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (Esalq/USP) e diretor científico do Instituto de Pesquisas Florestais (Ipef), Walter de Paula Lima, atualmente o setor encontra-se meio desarticulado, preocupado com produção e possível falta de madeira. “No momento, a retomada de uma política florestal é fundamental. Não é preciso voltar aos incentivos fiscais, mas é imprescindível a existência de algum estímulo governamental no sentido de apoiar o setor.”

Mais árvores

Atualmente, o Brasil planta aproximadamente 100 mil ha de árvores por ano, o que deve ser intensificado com as novas propostas governamentais que visam criar mecanismos para alavancar o reflorestamento. Segundo dados da Associação Brasileira de Exportadores de Celulose (Abecel), estima-se que,

anualmente, são consumidos 282 milhões de metros cúbicos de madeira para diversos usos. O reflorestamento supre apenas 75 milhões, deixando um déficit de 207 milhões de metros cúbicos ainda extraídos das matas nativas. Isso acontece também quando se observa a silvicultura internacional: dos 3,4 bilhões de hectares de florestas existentes no mundo (26% da superfície da Terra), dois bilhões são considerados produtivos, sendo que, destes, apenas 100 milhões correspondem as florestas plantadas.

Numa divisão setorial da silvicultura nacional (veja tabela), tem-se que as atividades de celulose, papel, chapas de fibras e aglomerados são as que consomem somente madeira de reflorestamento. Já carvão vegetal, compensados, laminados, madeira serrada e em toras, ainda mesclam com árvores plantadas e nativas.

Nesse contexto, uma das mais recentes iniciativas provenientes dos planejamentos do setor público deve intensificar os plantios de exóticas, reduzindo a exploração de árvores naturais dentro de poucos anos. De acordo com o presidente da SBS, que vem mantendo estreito contato com o Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal, até o final do século, a recuperação florestal deve atingir algo em torno de 500 mil ha/ano. “É que a curto prazo o governo estabelecerá um novo programa para o setor silvicultural, tendo em vista a necessidade de se criar mecanismos de alavancagem do reflorestamento”, explica Leite.

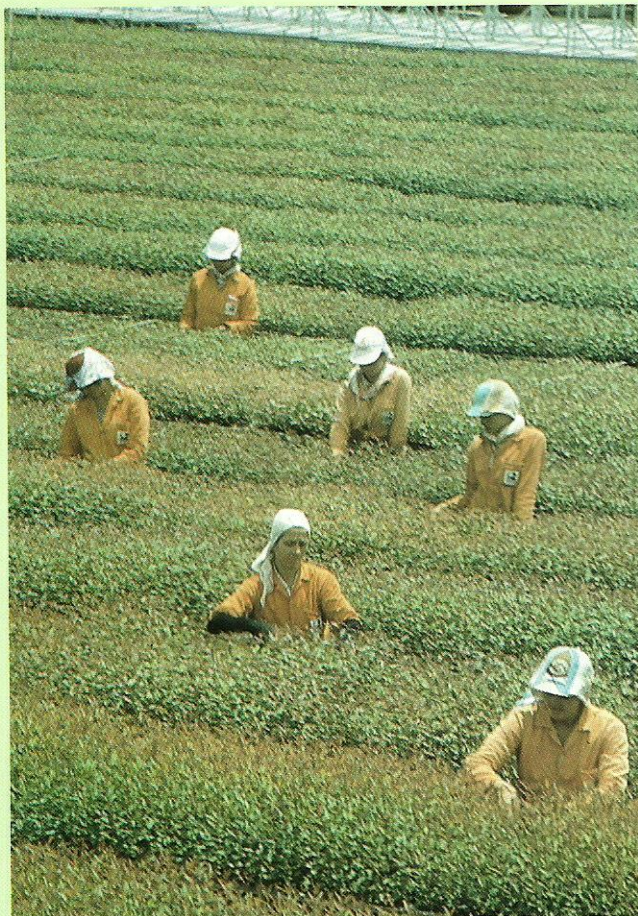
Enquanto isso ainda está por vir, Minas Gerais, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná aproveitaram a brecha da legislação de 1988 — que concede autonomia aos Estados para criar suas próprias Leis Florestais — e criaram políticas voltadas ao

Produção Mundial de Produtos Florestais

(Áreas produtivas - milhões ha)

Região	Toras	Serrados	Painéis	Polpa	Papel
América do Sul	93	26	04	06	08
Brasil	73	18	03	04	05
América do Norte	607	172	42	77	86
África	53	09	02	02	03
Europa	300	85	34	35	60
Ásia	257	104	25	14	43
Oceania	30	06	02	02	02
Ex-URSS	292	102	14	10	10

Fonte: BNDES/1995.



As atividades florestais envolvem por volta de 1,2 milhão de pessoas

setor. O primeiro a sair na frente foi Minas Gerais, ao sancionar, em dezembro de 1991, a Lei nº 10.561. Uma das maiores virtudes de seus artigos, segundo informações do governo mineiro, foi a discussão mantida previamente com a sociedade civil, entidades de classe e instituições ambientalistas. "Assim, estabelecemos um pacto social, que representa um instrumento de consenso para disciplinar a atividade", orgulha-se o secretário Estadual do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, José Carlos Carvalho.

Em apenas quatro anos de sua implantação, já é possível computar valores a favor do meio ambiente. Responsável por 80% de todo consumo de carvão, 20 milhões/m.d.c.(metros cúbicos de carvão)/ano, a indústria mineira desmatava 500.000 ha de floresta nativa. Agora, essa área foi reduzida para 280.000 ha, provocando deslocamento de 30% do fornecimento de carvão para Bahia, Goiás e Tocantins. "Além disso, a origem do carvão consumido está dividido em 60% de floresta plantada e 40% nativa", afirma o secretário mineiro.

Para garantir a aplicação da legislação,

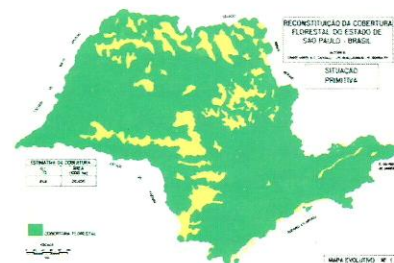
Minas Gerais destinou ao Instituto Estadual de Florestas a responsabilidade da fiscalização, formado por 1.100 funcionários, 14 escritórios regionais e 140 locais. Um contingente de 1.200 homens, espalhados pelas oito companhias da Polícia Florestal, também atuam nesse trabalho.

Prática

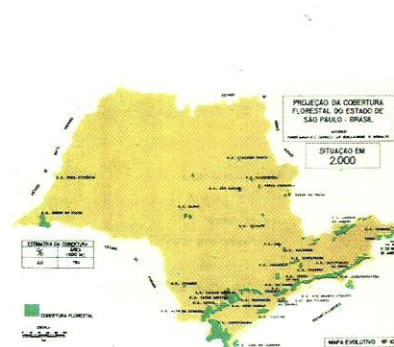
Além de regulamentações legais, o processo de intensificação de plantios passa por fatores como terceirização, inovações tecnológicas e trabalhos florestais junto a pequenos e médios produtores rurais. Assim, não há regras para tal incremento, cada empresa adotará a estratégia mais adequada a realidade. Enquanto algumas indústrias, como a Riocell S/A, terceirizaram boa parte dos serviços paralelos, outras, como a Duratex S/A, fizeram o

caminho inverso, deixando os prestadores de serviços e apostando em seu próprio sistema. Com 100% dos trabalhos de colheita nas mãos de terceiros, a Riocell, há cerca

ANTES E DEPOIS



Reconstituição da cobertura florestal original do Estado de São Paulo ...



... E a projeção para o ano 2000

Produção Brasileira por Segmento

Segmento	Quantidade	Unidade	Ano	Origem	Fonte
Carvão Vegetal*	33,0 x 10 ⁶	m.d.c. •	1995	ABRACAVE	Nativas + Ref.
Celulose**	5,38 x 10 ⁶	t.	1994	ANFPFC	Reforest.
Papel	5,70 x 10 ⁶	t.	1994	ANFPFC	Reforest.
Compensados	1,9 x 10 ⁶	m3	1994	Abimci	Nativas + Ref.
Laminados	510 mil	m3	1994	Abimci	Nativas + Ref.
Chapas de Fibras	700 mil	m3	1994	SBS	Reforest.
Aglomerados	800 mil	m3	1994	Abipa	Reforest.
Madeira Serrada	19,0 x 10 ⁶	m3	1992	FAO	Nativas + Ref.
Mad. em Toras***	269,0 x 10 ⁶	m3	1992	FAO	Nativas + Ref.

*Equivalente a 66,0 x 10⁶ st/cc de madeira.

** Equivalente a 39,8 x 10⁶ st/cc de madeira para processo.

*** Total de madeira para todos os usos - equivalente em toras.

• Metros cúbicos de carvão

- ABIPA - Associação Brasileira das Indústrias de Painéis de Madeira (ex-ABIMA)

- ABIMCI - Associação Brasileira da Indústria de Madeira Compensada e Industrializada.

- ABRACAVE - Associação Brasileira de Carvão Vegetal

Compilação dos dados: SBS - Sociedade Brasileira de Silvicultura.

de seis anos, centraliza esforços nas atividades afins, atingindo uma produção anual de 1.700.000 st de madeira sem casca; 300.000 t de celulose; e 37.000 t de papel.

Já a Duratex teve problemas com a terceirização. De 1992 a 1995, ela passou cerca de 80% das operações florestais para as mãos de terceiros. Porém registrou problemas no controle sobre os encargos sociais e queda na produtividade. Segundo o gerente Executivo Florestal, Antônio Joaquim de Oliveira, muitas dessas empresas cresceram desordenadas, com vícios de um passado, quando atuavam como empreiteiras. “Depois de se desligarem da Duratex, alguns empregados de empreiteiras nos acionaram como co-responsáveis nas falhas do recolhimento trabalhista. Por outro lado, as empresas também não acompanharam o ritmo da modernização no campo.”

Por isto a diretoria decidiu voltar atrás e apostar no estruturamento de equipes próprias, para trabalhar nos seus 70.000 hectares de área reflorestada. Para isso, estão sendo destinados US\$ 6 milhões para mecanizar as atividades de campo. A meta é fazer com que até o final do ano a terceirização esteja reduzida a 5%. “Isso não significa que desacreditamos nesse sistema de parceria. Pode ser que no futuro voltemos a utilizá-lo com maior intensidade, mas somente se forem apresentados serviços comparáveis aos do Chile, onde as prestadoras investem em tecnologia e na produtividade da mão-de-obra”, argumenta.

Academia

O fornecimento de matéria-prima por terceiros é uma prática bastante comum entre os países do primeiro mundo. Na Suécia, onde a madeira representa uma das principais fontes econômicas, 50% das florestas são plantadas em propriedades particulares, 25% em áreas do governo e 25% pelas indústrias. No Brasil, o setor ainda busca a melhor forma de estruturar a produção de madeira. Além da prática da terceirização, a participação de pequenos e médios produtores rurais também começa a despontar. Em São Paulo, o modelo de reposição adotado pelas Associações de Recuperação Florestal, soma 5.013 projetos em 13.500 hectares, o que representa quase 33 milhões de árvores. “É importante res-

saltar que a silvicultura adquire caráter diverso para finalidades diferentes. Enquanto as indústrias desenvolvem genéticas específicas para as necessidades de sua produção, as espécies para o público rural precisam atender as particularidades dessa realidade”, ressalta o presidente da SBS.

Para costurar essa colcha de retalhos, torna-se fundamental a contribuição das universidades, que carregam a responsabilidade de lapidar o profissional que atuará no mercado. De acordo com Nelson Barboza Leite, nos últimos anos, estas instituições voltaram-se demasiadamente para variáveis ambientais, o que tem feito com que elas fiquem afastadas dos processos de produção. “É preciso estabelecer um ponto de equilíbrio, para formar massa crítica com visão para todos os fatores que envolvem o setor”, opina.

Na Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (Esalq/USP), um dos mais importantes centros de formação de engenheiros florestais do País, o perfil das disciplinas está estruturado em embasamentos científicos metodológicos, para as práticas operacionais, e em fatores ligados à biodiversidade. De acordo com Walter de Paula Lima, hoje, está em discussão a reforma curricular, tendo em vista a adequação do ensino ao mercado. Para ele, o mundo mudou, a reengenharia chegou e os profissionais precisam ser úteis naquilo que o setor precisa. “No todo, a produção florestal é a missão do engenheiro, mas ele não pode desconhecer sua responsabilidade com o manejo sustentável. Frente à globalização e às estratégias de contratação das empresas, o futuro é o aluno se transformar em consultor e trabalhar como autônomo”, analisa.

Tendência

No perfil de empresa de amanhã, pelo que tudo indica, dentro de pouco tempo, nenhuma indústria ficará de fora do controle de qualidade por meio da certificação florestal. Uma exigência para os próximos anos, que deixará sem competitividade as que não respeitarem os conceitos básicos estabelecidos para o segmento. “Os selos verdes indicam que a silvicultura atenderá as práticas e padrões de sustentabilidade, considerados importantes na atualidade. O que não impede que eles sofram alterações e sejam readequados”, ressalta Walter de Paula Lima.

No mercado global, a aquisição desses documentos será fator de sobrevivência, pois a cobrança dos países desenvolvidos ocorrerá de forma extremamente rigorosa. Para dimensionar as transações dos setores de base florestal no mundo, vale conferir alguns números: em 1991, o volume de negócios somou US\$ 418 bilhões, no qual as exportações somaram US\$ 98 bilhões, atingindo 3% do comércio internacional de commodities.

Neste cenário, a participação da silvicultura brasileira atinge US\$ 3,5 bilhões de exportação, sendo que a celulose é o produto nacional de maior expressão lá fora, representando 5,2% dos negócios internacionais de celulose. Não é por menos, pois os vantajosos índices de produtividade, permitidos pelas excelentes condições ambientais, possibilitaram ao País a conquista do patamar de maior produtor mundial de celulose de eucalipto, com cerca de 50% do fornecimento total.

No entanto, segundo a visão do engenheiro florestal Marco Antônio Fujihara, da Fujihara & Associados, há duas maneiras de se conquistar esse mercado: aproveitar a *vantagem comparativa estática*, considerada como aquilo que Deus deu (solo, clima etc.), e a *vantagem comparativa dinâmica*, ou seja, as tecnologias e os mecanismos de reter capitais internamente, que serão aplicados na anterior. Para ele, o setor silvicultural brasileiro permaneceu centrado nas características do lado *estático*. “É hora, por exemplo, de se aproveitar infra-estrutura existente e agregá-la às atividades florestais, colocando os plantios ao lado das rodovias e ferrovias para aproveitar a malha já construída. Isso significa introduzir um novo conceito: o *side business*”, conclui.

Exportação Brasileira de Base Florestal

Produto	Toneladas
Celulose	2.100.000
Papel	1.530.000
Madeira Serrada	605.126
Madeira Compensada	312.451
Madeira Laminada	55.754
Borracha	36.882
Carvão Vegetal	18.400
Extratos, Essências e Tinturarias	13.205
Painéis de Madeira	8.459

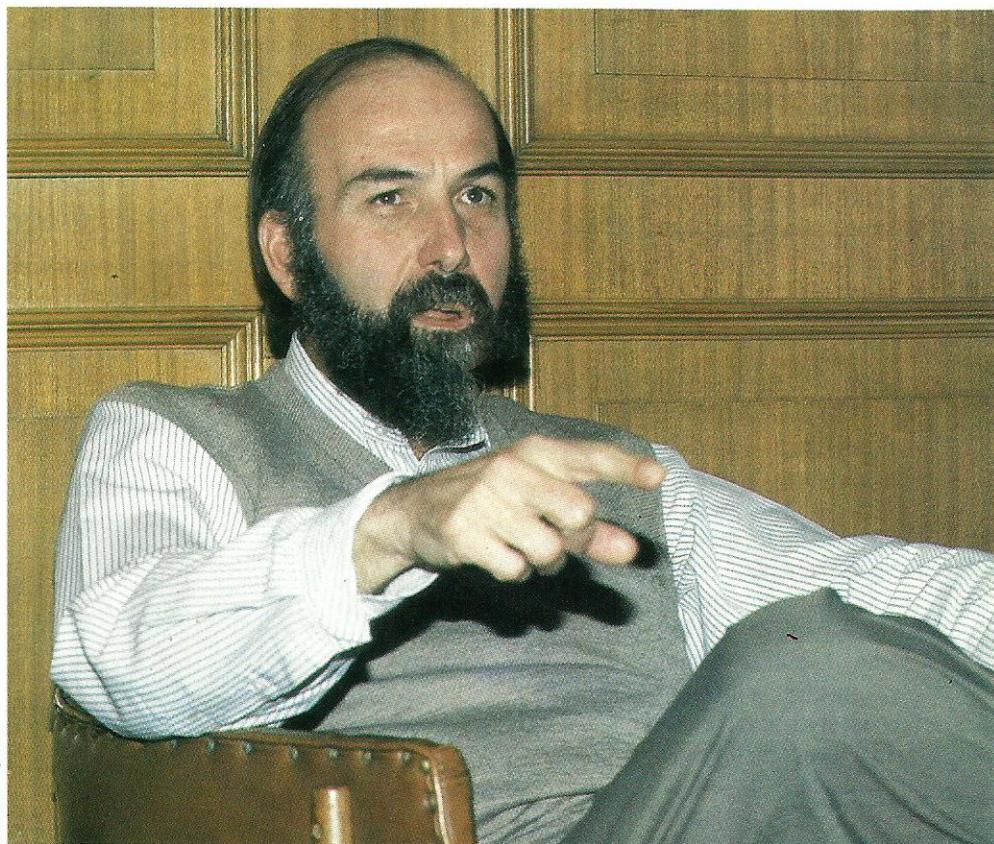
Fonte: Ibama/Diren/Decon/1995.

CELSO FOELKEL

MESTRE E APRENDIZ

Texto: Silvia Pimentel

A amante da natureza, Celso Edmundo Bochetti Foelkel foi um dos primeiros a introduzir no Brasil cursos especializados em celulose e papel, tema sobre o qual escreveu mais de 150 artigos e proferiu inúmeras palestras. Com uma vida totalmente voltada ao setor, Foelkel é sócio de mais de 15 entidades, inclusive internacionais, além de exercer a vice-presidência de Meio Ambiente da ANFPC. É diretor do Centro de Tecnologia e Ambiente da Riocell, que ajudou a criar em 1980, e hoje é uma unidade de negócios da empresa. Até nas poucas horas que lhe sobram para o lazer, a natureza de alguma forma está presente: gosta de caminhar na praia e assistir a filmes recheados de fenômenos naturais, como vulcões e terremotos. Suas outras paixões são ensinar e aprender. Simpático e descontraído, apesar de se definir como uma pessoa tímida, Celso Foelkel recebeu a revista *Celulose & Papel*, na sede da ANFPC, para a seguinte entrevista.



Fotos: Nilton Queiroz

Foelkel: vocação para lidar com pessoas

Celulose & Papel - O senhor é agrônomo. Como surgiu sua opção pela área de celulose e papel?

Celso Foelkel - Sempre tive uma paixão pelas coisas da natureza. Quando iniciei a universidade, na Luiz de Queiroz, não pensava em atuar ou me dedicar ao setor, mas, no segundo ano descobri que a área florestal era a minha vocação. Ecossistema, proteção de bacias hidrográficas, influências climáticas eram assuntos que me encantavam muito. Sempre vi a produção de uma forma integrada com a natureza, então resolvi estudar celulose e papel. Na época, nos anos 70, este setor estava começando a crescer intensamente. Assistia-se ao nascimento de uma indústria que tinha competitividade

e chances de se transformar numa galinha de ovos de ouro para o Brasil.

C&P - Foi a opção certa, na hora certa?

Foelkel - Eu sou fruto de um momento brasileiro, uma época de boom para o setor florestal. Estava acabando de sair da faculdade e foi uma grande oportunidade, pois a escolha aconteceu no momento certo. Na época, tive a chance de conseguir uma bolsa de estudos nos Estados Unidos, onde fiz mestrado em celulose e papel.

C&P - O senhor ficou quase dois anos nos Estados Unidos. Como foi a sua volta ao Brasil?

Foelkel - Quando terminei o mestrado, voltei para o Brasil e fui contratado pela universidade para fazer aquilo que

mais gostava: ensinar. Sou educador por natureza. Montei três cursos de papel e celulose no país, em nível de mestrado: o de Viçosa, Piracicaba e o de Santa Maria.

C&P - Como ingressou profissionalmente no setor privado?

Foelkel - Aí entra uma parte triste da minha vida. Em 74, aos 26 anos, fiquei doente, com câncer, fiz 15 cirurgias e fiquei oito meses no hospital. Quando voltei, a universidade achou que eu não era tão bom mais. O serviço público quis me aposentar. São nessas horas que você tem de tomar decisões. Se eu me aposentasse, a minha vida seria outra. Na época eu já tinha muitos artigos publicados e ministrado várias palestras. Disse não,

pois ainda tenho muito a fazer. Diante disso, resolvi tentar a vida na área privada, e fui para a Cenibra, a convite do Aldo Sani, por quem tenho muita admiração porque acreditou em mim.

C&P - Como foi sua trajetória profissional na Cenibra e sua transição para a Riocell?

Foelkel - Trabalhei por quatro anos na Cenibra e lá comecei a atuar no centro tecnológico que já estava pronto. Tive também oportunidade de montar o curso da Universidade Federal de Viçosa, que é reconhecido mundialmente. Mas quando fui para a Riocell, foi a mesma sensação de construir uma casa ou uma família. Era o princípio de tudo. Foi um grande desafio.

C&P - Quais as dificuldades que encontrou para montar o centro tecnológico ?

Foelkel - Eu não tive tantas dificuldades. Tive muita ajuda, pois todos na Riocell queriam fazer o centro tecnológico. O maior desafio foi fazer em tão pouco tempo. A obtenção de financiamento junto ao Finep, desenhar o prédio, negociar os equipamentos, implementar o laboratório, contratar e treinar a equipe, tudo isso foi executado em apenas um ano. Em outubro de 79 lançamos a pedra fundamental e tudo ficou pronto em novembro de 1980.

C&P - Continuou a dar aulas?

Foelkel - O Aldo Sani, sabendo da minha vontade de montar cursos, me apoiou na montagem de um outro curso em São Paulo, juntamente com o professor Barrichelo e o pessoal do IPT. Por dois anos, eu saía uma vez por semana de Guaíba para dar aulas em Piracicaba. Tudo era financiado pela Riocell. Depois, optei por me aperfeiçoar na área de administração. Me matriculei em cursos e passei a praticar, também, as técnicas usadas em administração de recursos humanos. Comecei a entender melhor de finanças e marketing, crescendo, então, nessa área executiva.

C&P - E como o centro se tornou uma

unidade de negócios?

Foelkel - Em 1993, a Riocell percebeu que podia ganhar dinheiro com tecnologia e vender serviços para terceiros. Vendemos tecnologia para o grupo Klabin. Algumas das empresas do grupo utilizam o nosso centro, pagando mensalmente como cotistas. Ajudamos a desenvolver tecnologia para a Bacell e agora estamos negociando patentes de tecnologia.

C&P - Qual a sua experiência como diretor de ambiente e tecnologia?

Foelkel - Ao longo desses 20 anos, meio ambiente passou a ganhar uma posição de destaque nas tecnologias. Num segundo momento, começou a preocupa-

centro tecnológico?

Foelkel - Procuo sempre investir no desenvolvimento da minha equipe. Prefiro trabalhar com pouca gente, mas altamente qualificada, do que trabalhar com uma grande equipe incompetente. Eu não abro mão do desenvolvimento dos recursos humanos. Acredito que todos temos de olhar de frente para as pessoas que estão falando com a gente, em qualquer lugar do mundo, e não nos sentir inferiores e sim igualmente competentes. Nós não podemos ficar obsoletos. Por esta razão, meu nível de exigência é muito grande, tanto comigo como para com a minha equipe.

C&P - Em termos de tecnologia ambiental, como se posicionam as empresas do setor?

Foelkel - Existem empresas que possuem definitivamente padrões ambientais compatíveis com as maiores exigências mundiais. Evidentemente existem outras que têm ainda muito a caminhar para alcançar tal posição. A maior parte da produção brasileira é feita em padrões ambientais excelentes.

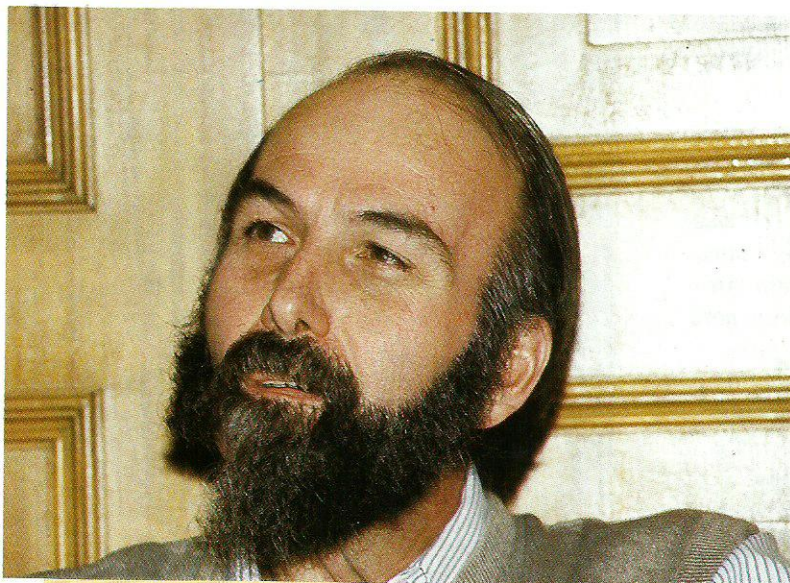
C&P - Quais as perspectivas para o setor de papel e celulose?

Foelkel - O setor cresceu e tem ainda muito espaço para crescer neste país. Ele tem competência e aprendeu a ser competitivo. Teve um alto aprendizado. Saímos dos anos 70 conhecendo quase nada. Em 25 anos, conse-

guimos chegar ao nível de excelência, em termos de florestas e produção. É um setor que cresceu porque existiram pessoas que acreditaram nele, investidores que colocaram dinheiro, apoio do governo e o setor respondeu positivamente. Foi uma somatória de esforços de pessoas competentes que acreditaram. Tivemos erros, é claro, mas acertos muito maiores.

C&P - Além de ensinar, o que mais gosta de fazer?

Foelkel - Gosto também de aprender. Eu tenho uma vontade fantástica de aprender com os outros. É uma dupla tro-



“Nós não podemos ficar obsoletos. Por esta razão, meu nível de exigência é muito grande, tanto comigo como para com a minha equipe.”

ção com o impacto ambiental. Como eu posso minimizar esse impacto? Sou diretor de ambiente desde 1990, antes das pressões ambientais estarem tão fortes. Sou diretor de tecnologia e ambiente porque, além de trabalhar com tecnologias ambientais, sempre tive vocação para área de relações humanas. Foi uma excelente oportunidade profissional para a minha carreira. Tanto a Cenibra como a Riocell me deram oportunidade de criação, de desenvolvimento, de fazer aquilo que eu gosto.

C&P - O que o senhor considera importante para o desenvolvimento do

ca. Eu aprendo demasiadamente com todas as pessoas que convivo e procuro também ensiná-las. São os meus dois maiores valores e as coisas que mais gosto de fazer: aprender e ensinar. A empresa me proporciona isso numa velocidade muito maior do que uma universidade.

C&P - De que forma ?

Foelkel - A empresa é o reflexo das pessoas. Foi assim nas empresas em que trabalhei, como a Cenibra e a Riocell, onde encontrei pessoas que me apoiaram. Na verdade eu vivo o setor. Sou sócio e frequentador de cerca de 15 associações, incluindo as internacionais. Tenho uma atividade coletiva muito grande.

C&P - Como começou a participar das instituições e associações?

Foelkel - Entrei nessas atividades muito jovem, em clubes filatélicos e naquilo que se chamava gabinete de leitura. Aos onze anos devorava livros. Li quase todos os autores brasileiros, desde Machado de Assis a Aluizio de Azevedo. Na faculdade, frequentava diariamente o centro acadêmico. Quando iniciei a vida profissional fui buscar o mesmo tipo de atividade, como as associações de papel: ANFPC, ABTCP, IPEF, em Piracicaba e algumas internacionais. Em cada uma, tenho um círculo de amizades muito grande.

C&P - O senhor também é presidente da FIF?

Foelkel - A FIF é uma sociedade de Investigações Florestais, em Viçosa, que possui 15 empresas associadas. É uma espécie de cooperativa de empresas com a universidade para desenvolver projetos e pesquisas nas áreas florestal e de celulose e papel. Também sou vice-presidente de meio ambiente da ANFPC e diretor da ABTCP e faço parte do conselho consultivo do CENEX - Centro de Excelência Empresarial, no Rio Grande do Sul.

C&P - Como consegue conciliar todas essas atividades?

Foelkel - Às vezes faço a mesma pergunta. Quando começo a me questionar a respeito é a hora de ir para a chácara ou para a praia caminhar. É dessa forma que consigo administrar o estresse. Eu sei dos meus limites, tanto humanos como profissionais.

C&P - Costuma trabalhar em casa também?

Foelkel - Às vezes levo alguma coisa para fazer em casa. Quando minha esposa não trabalhava ela não gostava muito. Quando começou a trabalhar, até ela, que hoje dá aulas de inglês, fica trabalhando em casa até tarde.

C&P - O que gosta de fazer quando não está trabalhando?

Foelkel - Gosto muito de viajar e passear. Às vezes vou para a praia, onde tenho um apartamento e costume caminhar. Pelo menos uma vez por mês vou para a minha chácara, curtir o sol e a natureza e plantar roseiras. Também gosto de assistir a filmes sobre fenômenos da natureza, como vulcões, terremotos e movimentos da terra.

C&P - Que avaliação faria de sua vida hoje e como foi a sua infância?

Foelkel - A minha vida tem sido uma sucessiva somatória de coisas boas. Eu

“Quando alguém me pede ajuda eu, na minha biblioteca, acho qualquer coisa com muita facilidade, principalmente quando está relacionada a minha área”

nasci em São João da Boa Vista (SP). Mas a maior parte da minha vida como jovem, passei em Jundiaí e em Piracicaba. Essas mudanças foram me trazendo facilidade de adaptação. Sou do tipo que não consigo voltar para a casa pelo mesmo caminho. A única coisa que realmente não quero trocar é a minha esposa, Lorena

C&P - Qual é sua origem?

Foelkel - O nome é alemão, mas ninguém pratica nada de alemão em casa. Meus tetra-avós eram alemães e vieram para o Brasil há muito tempo. Com a II Guerra, perseguições e discriminação, eles acabaram perdendo a vontade de ser alemães. Abandonaram, então, todos os costumes.

C&P - Está casado há quanto tempo?

Foelkel - Quando iniciei o namoro, minha esposa, Lorena, tinha 16 anos e eu 19. Me casei aos 22 anos. Hoje estou com 48, ela com 45 anos. Temos duas filhas, a Alessandra, de 24 anos e a Ester, de 16 anos.

C&P - Como é o seu relacionamento

em casa?

Foelkel - Não sou um pai excepcional. Trabalho e viajo muito e não tenho tempo para me dedicar integralmente à minha família. Mas o relacionamento com as minhas filhas é muito bom.

C&P - Até hoje costuma devorar livros?

Foelkel - Eu compro muitos livros. Como não tinha mais espaço para guardá-los, comprei, há um ano, a casa ao lado da minha para fazer uma biblioteca. Compro todos os livros que gosto e que se identificam comigo. Isso não significa que leio todos. Eu tive um professor que marcou muito a minha vida, chamado Salvador de Toledo. Era um velhinho que tinha uma habilidade notável para fazer palestras e um dia me explicou a diferença entre o sábio e o gênio. Segundo ele, gênio é aquele que sabe de todas as coisas e sábio é o que sabe onde encontrar.

Quando alguém me pede ajuda eu, na minha biblioteca, acho qualquer coisa com muita facilidade, principalmente quando está relacionada a minha área.

C&P - Sua rotina de trabalho é muito intensa?

Foelkel - Sou muito voltado e dedicado ao trabalho. Acordo cedo todos os dias e não tenho hora para começar ou terminar. Na fábrica con-

verso o dia inteiro, tenho reuniões constantes e as pessoas me procuram diariamente. Alguns me vêm como um pai, mesmo os mais velhos. Vivo o setor tecnológico, ambiental e florestal, o que me toma muito tempo. Eu atendo os clientes, negocio e às vezes até ajudo o setor comercial e a área técnica. Tudo isso me proporcionou um relacionamento muito amplo dentro do setor.

C&P - Tem muitos amigos?

Foelkel - Não sou uma pessoa afetiva. Não tenho grandes amizades, mas tenho muitos amigos, todos do setor de papel e celulose.

C&P - Fatos que marcaram sua vida com a família

Foelkel - A minha filha mais nova sempre quis encontrar uma forma de parecer-se comigo. Fisicamente, é muito parecida com a mãe, muito bonita. Mas um dia ela me disse: pai, eu encontrei uma coisa em mim que parece contigo. Eu pareço com você por gostar das coisas da natureza, disse ela. Foi gratificante ouvir isso.

CURSO SOBRE TRATAMENTO DE ÁGUA



Gilberto Beirão/Divulgação

Alunos de um dos cursos da empresa

A Kenisur Indústrias Químicas, empresa brasileira com certificação ISO 9001, realizará a partir do dia 1º de julho um curso sobre Tratamento de Águas Industriais, na sua sede em São Paulo. Com duração de um mês e 30 vagas disponíveis, o curso abordará fatores químicos e físicos da corrosão, inibidores de corrosão e de incrustação, microbiologia e inibidores de

crescimento biológico.

O curso custará R\$ 1.650,00 e serão oferecidas bolsas de estudo para engenheiros químicos recém-formados ou que estejam cursando o último ano e para engenheiros de outras áreas interessados em especializar-se no tratamento de águas industriais. A Kenisur fica na rua Desembargador Eliseu Guilherme, 84.

ESCOLAR 96 TEM NOVA DATA

A 10ª Escolar - Feira de Produtos para Escola, Escritório e Papelaria, que já está com cerca de 90% de sua área vendida, acontecerá em nova data: de 8 a 11 de outubro, no Pavilhão de Exposições do Anhembi. Promovida pela Franca - Feiras e

Empreendimentos, a mostra ocupará uma área de 18.000 metros quadrados e deverá contar com a participação de cerca de 200 expositores das áreas de papelaria, produtos para escola, material para escritório, informática, entre outros.

YOKOGAWA RECEBE ISO 9001 E 9002

A Yokogawa América do Sul, fabricante de sistemas e instrumentos de controle para automação industrial, recebeu recentemente as certificações ISO 9001 e ISO 9002.

Entre os principais produtos da companhia estão os SDCDs (Sistemas Digitais de Controles Distribuídos), capazes de controlar a produção de indús-

trias de diversos segmentos, como químicas, petroquímicas, de papel e celulose e siderúrgicas.

De origem japonesa, a companhia está no Brasil desde 1973, sendo subsidiária do grupo Yokogawa Electric Corporation, que está presente em mais de 30 países e registra faturamento anual de US\$ 2 bilhões.

ANAVE PREMIA O SETOR

Este ano os premiados da ANAVE foram: Empresa do Ano - KSR; Personalidade do Ano - Boris Tabacof e Anunciante do Ano - Voith Sulzer Papterechnology. "Nós nos preocupamos com detalhes imperceptíveis, mas que, somados, apresentam grandes resultados. Em nosso entender é preciso ter algo mais do que tecnologia de ponta, recursos humanos capacitados e criatividade mercadológica. É preciso ousar, ter visão de futuro e investir sempre em qualidade", disse o gerente

geral da KSR, João Lalli Neto.

Anualmente, a ANAVE presta homenagem a uma empresa, uma personalidade e um anunciante do setor de papel e celulose, papel e derivados, que tenham se destacado por suas atividades. Para a indicação, levam-se em conta a promoção de recursos humanos, desenvolvimento da empresa, atuação na área de marketing e comercialização, desenvolvimento de novos produtos e a abertura de novos mercados no setor.

EMPRESAS INVESTEM US\$ 36,5 MI EM INSPEÇÃO DE MÁQUINAS

As empresas dos principais setores industriais do país investiram US\$ 36,5 milhões em inspeção de equipamentos nos últimos dois anos, segundo levantamento da SGS Industrial/END, divisão da SGS do Brasil. Os setores que mais investiram na manutenção das boas condições de máquinas e equipamentos foram o petrolífero, petroquímico e químico. Os investimentos nacionais para checagem de condições dos parques produtivos nos setores de papel e celulose somam US\$ 275 mil; metal-me-

cânico, US\$ 85 mil; siderúrgico, US\$ 180 mil e elétrico/hidrelétrico, US\$ 145 mil.

Com 118, o Grupo SGS - Sociéte Générale de Surveillance é uma organização que presta serviços de inspeção, testes, verificações e consultoria nos diversos ramos da atividade econômica. As atividades da SGS abrangem desde a inspeção tradicional, consultoria e serviços de controle de produção, embarque de mercadorias ou avaliação de performance de máquinas e equipamentos.

WHITE MARTINS LANÇA MÁQUINAS ELÉTRICAS

A White Martins está lançando uma nova linha de equipamentos para soldagem elétrica. Fabricadas na Itália, Estados Unidos e Japão, as novas máquinas elétricas são divididas em duas linhas - convencional e inversora. A linha convencional tem componentes eletromecânicos de qualidade. E a linha inversora destaca-se pela

redução do peso - cerca de 90% mais leve - e tamanho dos equipamentos. Os novos equipamentos podem ser utilizados tanto na indústria quanto no mercado varejista de pequenos consumidores, como serralherias e oficinas de manutenção. O pacote inclui uma nova linha de eletrodos, como Soldare 10, 13 e 18.

SUZANO LANÇA PAPEL ALCALINO

A Cia. Suzano de Papel e Celulose está lançando no mercado o papel Alcalino da Linha Report. O mais novo lançamento demandou investimentos da ordem de US\$ 2,5

milhões e representará 90% da produção de papel cortado da empresa. A Suzano pretende vender 150 mil toneladas do produto até o final do ano, nos mercados interno e externo.

DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Com o tema "Cumprindo seu Papel/Contribuindo para Nosso Estado" a KSR, uma das empresas da Votorantim Celulose (VCP), lançou campanha nacional, em Olinda (PE), com o objetivo de demonstrar a importância de as empresas investirem efetivamente, reterem impostos, contratarem mão-de-obra, serviços e fornecedores nas cidades onde mantêm filiais. As propostas básicas são a

descentralização do desenvolvimento e a ampla integração dos agentes econômicos à comunidade. A empresa possui 23 filiais, seis no Norte/Nordeste, quatro no Centro-Oeste, três no Sul e dez, mais a matriz, no Sudeste. Com a política de regionalização, a empresa gera cerca de 500 empregos diretos e indiretos e proporciona uma receita de ICMS que supera os R\$ 6 milhões.

ANFPC NA INTERNET

A ANFPC está na Internet, a rede mundial de computadores. O endereço para correspondência é: anfpc sip@br.home shopping.com.br. A associação está preparando uma

página e dentro de alguns meses estará divulgando suas principais estatísticas. O E-Mail está funcionando desde abril para o recebimento de mensagens.

A Allen-Bradley descobriu o caminho mais inteligente para proteger motores.



Sistemas de proteção para sobrecarga com relés bimetálicos podem agora ser substituídos com vantagens pelos relés de proteção eletrônica da família SMP (Smart Motor Protection) da Allen-Bradley. Algumas das características oferecidas são:

- Faixas de ajuste de corrente mais largas — redução sensível de itens de estoque;

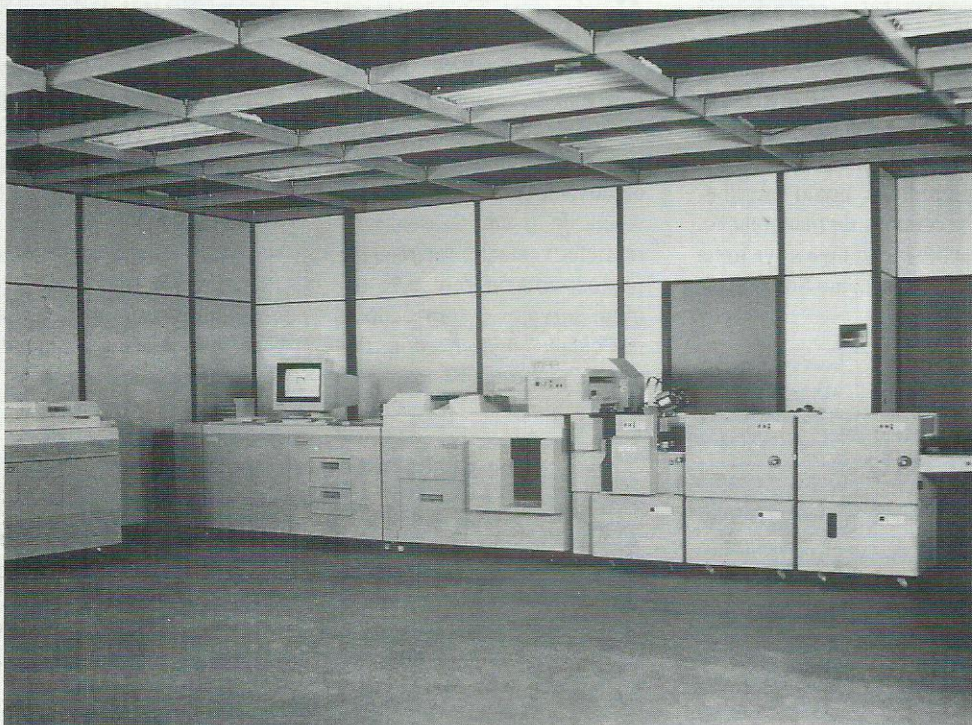
- Detecção de desbalanceamento de fases;
- Partida, parada e gerenciamento do motor via rede de comunicação com CLP;
- Status térmico;
- Monitoração da corrente média;
- Redução do custo de instalação.

Conheça outras vantagens:

Tels.: (011) 874.8912 - Vendas
(011) 874.8952 - Técnico



NOVAS IMPRESSORAS DA XEROX



A máquina publicadora imprime um livro por minuto

A Xerox do Brasil lançou na Anforuso 96, em Belo Horizonte, dois produtos para o mercado de cor: a impressora a laser X-4915 e a copiadora/impressora X-5790. No evento, a empresa levou a máquina de fazer livros DocuTech que reproduziu, na hora, o livro "Traços

Históricos e Descritivos de Belo Horizonte". A DocuTech é uma publicadora que consegue imprimir um livro de 100 páginas em apenas um minuto com qualidade comparada ao off-set. Ela permite a criação de documentos e alteração ou reprodução do material já existente, diagramando, associando textos e

imagens, editando fotos e definindo as características do acabamento. Os documentos ficam disponíveis na forma de matrizes digitais, prontas para reprodução, o que elimina estoques e viabiliza a impressão por demanda com preços mais acessíveis.

APOIO AO DESENVOLVIMENTO

Dentro do espírito de contínua formação e desenvolvimento das pessoas e de sua inserção nos diversos segmentos da comunidade onde atua, a Riocell vem apoiando fortemente o Curso de Mestrado em Tecnologia da Madeira, Celulose e Papel da Universidade Federal de Santa Maria (RS). O curso foi instituído em 1990 como extensão do curso de Graduação em Engenharia Florestal daque-

la Universidade. A Riocell cede profissionais para aulas teóricas, orientação e co-orientação para o desenvolvimento das teses, além de laboratórios Tecnológico e Florestal para a realização de testes e ensaios, computadores, biblioteca especializada, bases de dados internacionais do setor para acesso e pesquisa, comunicações, benefícios e bolsa ajuda, aos que necessitam.

TRATAMENTO DE ÁGUA

A W.R. Grace & Co. fechou acordo de venda da sua divisão Dearborn com a Betz Laboratories, Inc. Da união Betz Dearborn, surge uma nova companhia na área de tratamento de águas e processos industriais, com um faturamento anual de aproximadamente US\$1,2 bilhão, com presença em mais de 50 países e uma das maiores líderes mundiais deste segmento.

COMÉRCIO EXTERIOR

A KSP Foreign Trade, em parceria com o Sebrae-SP, realizará diversos cursos e seminários sobre comércio exterior, no período de julho e agosto. Alguns dos temas são: *Negociando com o Mercosul, Iniciando na Importação, Compras Internacionais, Transportes Internacionais*, entre outros. O objetivo é a capacitação e o desenvolvimento de empresários e empreendedores na área internacional, transmitindo conceitos básicos necessários para a iniciação no Comércio Exterior. Mais informações pelo fone/fax (011) 270-8655.

FEIRA DE REPROGRAFIA

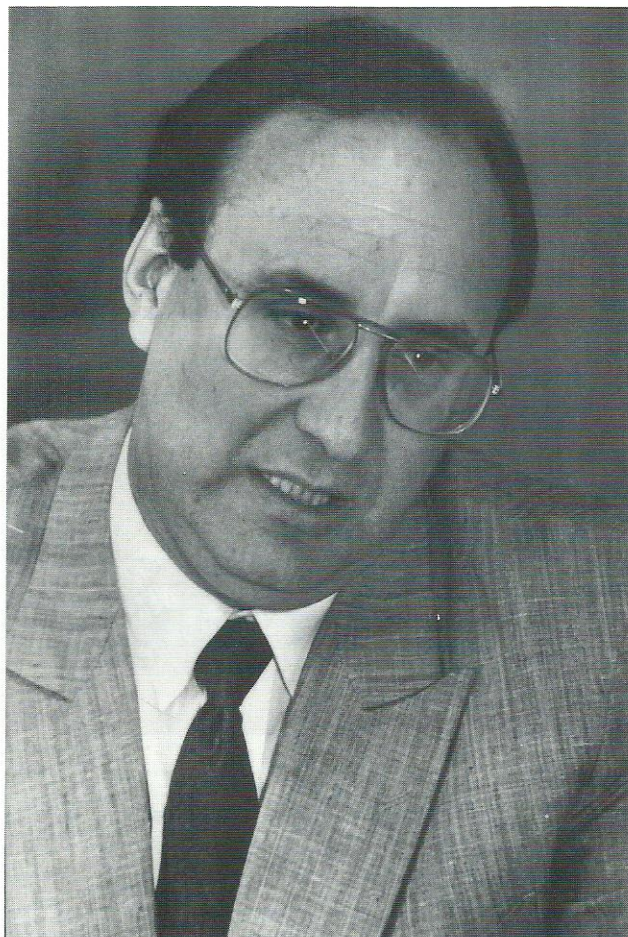
Será realizada de 29 a 31 de outubro próximo, no centro de convenções do Hilton Hotel (SP), a FIR/96 - Feira Internacional de Reprografia. O evento tem como tema central a terminologia *quick printing*, abrangerá os segmentos de pré-impressão, impressão e acabamento e terá como expositores os fabricantes de máquinas, equipamentos, produtos, acessórios e periféricos, além de prestadores de serviços. Mais informações pelos fones/fax: (011) 258-2636 e 239-4775.

ROTOGRAVURA

A Westvaco Corporation, fabricante norte-americana de papel, embalagem e produtos químicos especiais, adquiriu uma unidade de rotogravura, através de sua subsidiária Rigesa. A fábrica está localizada em Valinhos, interior de São Paulo, onde a Rigesa também mantém sua sede e providenciará os serviços administrativos, logísticos e de apoio à fábrica adquirida. A Divisão de Embalagens ao Consumidor da Westvaco, com sede nos Estados Unidos, será responsável pela operação e pelas vendas.

TEMPOS MODERNOS

Setor começa a elaborar e pôr em prática planos de participação dos empregados nos resultados e/ou nos lucros



Para Ruiz, engajamento conduz à produtividade

A expectativa da indústria de papel e celulose é de que 1995 seja o último ano de negociação setorial para aumentos de produtividade. A partir de agora, cada empresa deverá chegar a seus próprios parâmetros, em negociação com seus empregados, através dos planos de participação nos lucros ou resultados, previstos na Medida Provisória que trata do assunto.

Essa é a avaliação do consultor para assuntos sindicais da ANFPC, Jeronimo José Garcia Ruiz. Ele lembra que há dois anos, antes mesmo da edição da MP, a entidade se antecipou à questão, ouvindo especialistas e representantes de empresas, para “formar um conceito”. A partir de então, tem promovido seminários e divulgado informações atualizadas sobre o tema. “No setor, a reação à MP tem sido positiva”, assegura Ruiz.

Até agora, poucas companhias aderiram à MP, mas a tendência é de maior afluência ao longo deste ano e no próximo. Por se tratar de medida provisória, seu teor não prevê punição por não cumprimento, nem prazo para aplicação. Ademais, não há um modelo pré-determinado e os acordos são renovados anualmente.

Uma das dificuldades para a implantação dos chamados planos de metas (que são uma espécie de mapa detalhado de como e onde chegar em termos de produ-

ção) é a falta de tradição nessa área. No Brasil não está difundida a idéia de que aumento de produtividade deve gerar recompensa, segundo o consultor da ANFPC. Paralelamente, ressalta ele, “o trabalhador brasileiro se acostumou a ter aumentos ou reposição de perdas via sindicato, o que não significa de nenhuma forma aumento de produtividade.”

Além desse aspecto, Ruiz considera a legislação trabalhista bastante inelástica, permitindo a definição de índices de produtividade sem base na realidade. “Achamos que seria ideal reduzir o excesso de legislação ou que houvesse a possibilidade de alteração em convenção coletiva. Com isso, o contrato coletivo

seria factível”, analisa.

Outro flanco considerado vulnerável pelo consultor é a ocorrência de posições rígidas ou ideológicas nas negociações. “Os que estiverem inclinados a seguir ideologias provavelmente serão contra esse tipo de acordo”, prognostica.

Contudo, pesando prós e contras, Garcia Ruiz entende que a melhor maneira de se ganhar produtividade é criando um engajamento real da mão-de-obra. Ele sugere que as empresas elaborem planos realistas, estabelecendo metas factíveis, inspiradas em seus históricos, para não desestimular os empregados. “O programa deve nascer de baixo para cima.”

A participação dos trabalhadores nos lucros/resultados tem gerado bastante polêmica, pelo menos desde a Constituição de 1946. Na reforma constitucional de 1988, foi bandeira de políticos ligados à esquerda. No final do governo Itamar Franco, instituiu-se a participação tal como se conhece hoje, através de MP, que vem sendo reeditada mensalmente.

Vale lembrar que uma das iniciativas que favoreceu seu surgimento foi o projeto de lei apresentado pelo então senador Fernando Henrique Cardoso. Esse projeto foi o único que conseguiu conciliar propostas de 58 parlamentares, de diversos partidos.

MÍDIA IMPRESSA CAMINHA A TODO VAPOR

Na era da informática, quando os cabos e fios conduzem com rapidez a informação, a mídia impressa se renova e mostra que tem espaço garantido por muito tempo

Texto: Ana Lúcia Ventorim



Foto: Nilton Queiroz

O fantasma da informação eletrônica, que por algum tempo assombrou a mídia impressa, já não está tão assustador assim. A rapidez com que os meios eletrônicos de comunicação avançam pelo mundo provocou um sentimento de apreensão nos empresários que dirigem jornais e revistas, teoricamente as principais vítimas desta revolução tecnológica.

O temor de se verem alijados do bolo publicitário se justifica quando são analisadas as cifras que este setor movimenta. Em 1995, os investimentos em publicidade registraram US\$8,6 bilhões, um crescimento de 29,8% comparado com o ano anterior, quando o mercado publicitário brasileiro faturou US\$6,6 bilhões. Entre 1991 e 1995, o crescimento foi de 153%. Os dados constam do relatório 1995 da Nielsen- Mídia sobre investimento publicitário. Para este ano, alguns já arriscam a previsão de US\$ 10 bilhões.

É verdade que a informatização caminha a passos largos, em todos os sentidos: a rede

mundial avança a cada dia, os informativos de tempo real estão cada vez mais comuns, surgem novas formas de aplicarmos a informática no dia-a-dia, a TV por assinatura está se popularizando. É a informação correndo a jato pelas vias eletrônicas. Mas, a mídia impressa não ficou esperando pelo prejuízo. O que se percebe é a efervescência deste meio de comunicação, disputando páreo-a-páreo o mercado publicitário nacional. São editoras lançando novos títulos, jornais com as mais diversas promoções, publicações cada vez mais segmentadas e dirigidas a um público específico, reformulações gráficas e vultuosos investimentos para não ficar na contramão da história, conquistar o maior número possível de leitores e em consequência, de anúncios.

Tais esforços têm surtido efeitos. Os dados do relatório Nilsen mostram que os jornais mantiveram-se no patamar de 35% dos investimentos em publicidade no ano passado, enquanto as revistas cresceram de 8%,

em 1994, para 9%, em 1995. As emissoras de televisão recuaram um ponto, de 51% para 50% e a mídia rádio manteve-se em 5%, assim como os outdoors, que permaneceram com 1% do total.

Tranquilidade nos jornais - A pesquisa mostra ainda que, dos grupos empresariais que mais investiram em publicidade, quatro aplicaram a maioria de seus recursos em jornais: as Casas Bahia e a Globex Utilidades (69%), a Volkswagen (44%) e o Pão de Açúcar (49%). As informações atestam que pelo menos por enquanto, a revolução eletrônica das comunicações não conseguiu arrancar o reinado dos veículos impressos.

Ainda assim, há grande preocupação por parte de donos de jornais e revistas. No 49º Congresso Mundial de Jornais, realizado recentemente nos Estados Unidos, a informação eletrônica teve presença garantida em praticamente todas as discussões. Mas, Jayme Sirotsky, do grupo de comunicações RBS, do Rio Grande do Sul, que acaba de

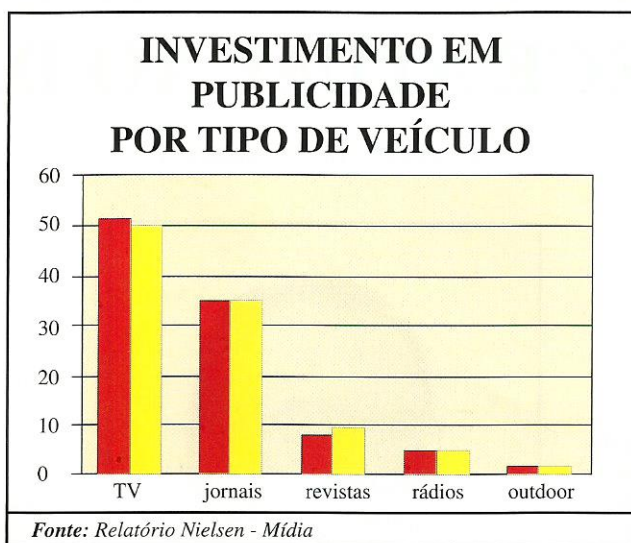
ser empossado presidente da Federação Internacional dos Editores de Jornais (Feij), não vê motivos para tanta preocupação. "Os jornais sobreviverão pelo menos até a geração de nossos netos", arriscou ele em entrevista ao jornal O Globo.

Porém, Sirotsky também acredita numa transformação do jornal, ao qual serão destinadas novas visões de comunicação. Ele considera que terá uma função mais analítica, aprofundada, suprimindo, por exemplo, o que a televisão não é capaz de desenvolver, por sua superficialidade. A TV abre o apetite, o jornal e a revista saciam a fome.

A sua declaração torna-se mais consistente amparada pela pesquisa realizada pela Feij. Segundo o levantamento da entidade, a sobrevivência dos jornais deverá ser maior nos países em desenvolvimento, onde estes veículos de comunicação vêm crescendo significativamente nos últimos anos, em especial no Brasil. A circulação, revela o documento, cresceu 11,1% no Brasil, 9,6% na Índia e 4% na Malásia. E juntamente com a circulação vem aumentando também o faturamento. No Brasil, as empresas ganharam 34,29% mais em anúncios em 1995. Em segundo lugar apareceu a Índia, com 33,1%.

Já o fato das vendas de jornais estarem em queda nos países desenvolvidos, não tem significado especial para o Brasil, que vive em condições bem diferentes. Enquanto aqui a média de consumo é muito baixa - de 30 a 40 exemplares por mil habitantes -, em países como a Noruega, vendem-se 630 jornais para cada mil habitantes, ou seja, mais de um jornal para residência. Ou mesmo nos Estados Unidos e Japão, onde são vendidos cerca de 300 jornais para cada grupo de mil habitantes. O Brasil, segundo ele, ainda tem condições de dobrar o número de exemplares vendidos e ainda permanecer em um baixo patamar.

Revista: novos títulos - Também no mercado de revistas há um clima de otimismo. Segundo dados da Dinap - Distribuidora



Nacional de Publicações, no ano passado, foram ao mercado mais de 2 mil títulos, sendo 80% dirigidos ao público adulto e 20% ao infantil. Se contados apenas os títulos periódicos, o número será de 500 revistas. Cerca de 350 editoras atuam nesse mercado, e todas elas fizeram pelo menos um lançamento durante 1995. O número de exemplares vendidos em banca totalizou 250 milhões, representando um crescimento de 55% em relação a 1994. A expectativa para este ano é de vendas similares às de 1995.

Um exemplo de quem aposta no crescimento da publicidade é a editora Símbolo. Inaugurada há nove anos, com um único título, a revista *Corpo a Corpo*, em 1994 a editora arriscou uma nova publicação a *Atrevida*, que superou todas as previsões em circulação (300 mil exemplares) e tornou-se a revista mais vendida em bancas do país. No ano passado, lançou a revista *Principal*, este ano colocou no mercado a *Bárbara*, acaba de lançar a *Raça Brasil*, tem projetos de mais um lançamento, além de mais dois para 97.

Segundo o diretor de Publicidade da Símbolo, Alaôr Machado, o aumento da participação da publicidade em revista, no últi-

mo ano, passou para 13% no *share*. "Estamos vivendo um momento econômico muito importante no País, onde o meio revista passa a ter uma importância fundamental nos planos de comunicação das empresas. A revista garante um maior tempo de exposição dos anúncios". Mas ele observa: "Mídia eletrônica e mídia impressa se complementam, possuem objetivos e eficácias diferentes".

Cresce produção nacional de papel imprensa - Os números também são promissores se vistos pela ótica dos fornecedores de matéria-prima para jornais. Os fabricantes de papel de imprensa esperam um crescimento entre 10% e 15% no consumo do produto para este ano. No ano passado, o Brasil utilizou 630 mil toneladas de papel jornal, sendo 255 mil dos produtores nacionais e o restante foi importado. De acordo com o Banco de Dados da Associação Nacional de Jornais (ANJ), o Brasil é recordista latino-americano em número de jornais diários. São 352, contra os 100 publicados diariamente na Argentina, o segundo colocado. Em último lugar aparece o Paraguai, com seis diários. Ao todo, são 1.245 jornais brasileiros registrados pela ANJ.

Comunicação Competitiva - Em palestra realizada recentemente no jornal Folha de S. Paulo, num ciclo de debates sobre Marketing, o empresário Antônio Rosa Neto, presidente da Dainet Multimídia e Comunicação, afirmou que a comunicação brasileira é de primeiro mundo, só perdendo para os Estados Unidos, competindo em pé de igualdade com o setor internacional. Ele também acredita que o ritmo de crescimento dever ser mantido.

Como se vê, os números apontam para a tranquilidade do mercado de jornais e revistas, que, se agirem com profissionalismo e ética, garantindo a satisfação dos leitores, ainda têm um grande filão pela frente.

Como se vê, os números apontam para a tranquilidade do mercado de jornais e revistas, que, se agirem com profissionalismo e ética, garantindo a satisfação dos leitores, ainda têm um grande filão pela frente.

MERCADO BRASILEIRO DE REVISTAS EM 1995

2.000 títulos em banca
500 revistas periódicas
350 editoras
1 lançamento por editora
250 milhões de exemplares vendidos em banca (55% mais que 94)

Fonte: DINAP

Evolução do investimento publicitário no Brasil

1995 - 8,6 bilhões
1994 - 6,6 bilhões
1991 - 3,3 bilhões

PARTICIPAÇÃO DE LIDERANÇAS FORTALECE ATUAÇÃO DA ANFPC

Mário Higinio Leonel (*)



A atuação que a ANFPC vem desenvolvendo se deve à identificação, pelas lideranças do Setor, de inúmeros problemas que o afetam como um todo e que dizem respeito a questões industriais, particularmente a sua auto-sustentabilidade, passando por assuntos que tratam do abastecimento do mercado interno e manutenção de posições conquistadas no mercado mundial de celulose e papel.

Foi essa visão de conjunto que gerou a necessidade de se elaborar um quadro geral priorizando as principais demandas do setor, com base no programa de investimentos da área. O estabelecimento desses objetivos gerais, deu um novo vigor à ANFPC, cuja atuação ganhou ainda maior consistência a partir da definição clara desses alvos.

Isso significa que a Associação renovou sua prática de representação política setorial, agregando dois fatores fundamentais: atuação essencialmente pragmática e organização institucional baseada na defesa de temática de interesse comum.

Dessa forma, os principais acionistas e lideranças do Setor têm se empenhado em fortalecer cada vez mais a atuação da ANFPC, emprestando a força de suas presenças nos contatos e discussões com autoridades do primeiro escalão do governo, que visam criar um clima econômico favorável para a implantação do nosso programa de investimentos.

A consequência disso foi o estabelecimento de uma via de mão dupla com os principais agentes governamentais, expondo questões, apontando dificuldades práticas, que criam barreiras ao livre curso dos negócios e podem ser superadas através do diálogo franco, criador de um clima de compreensão entre o setor produtivo e as autoridades encarregadas da formulação da política

econômica e de desenvolvimento do país.

É nessa direção que temos nos movido desde agosto do ano passado, quando o Setor foi recebido em audiência pelo presidente Fernando Henrique Cardoso e iniciou ali a série de contatos com autoridades federais, levando nosso programa de investimentos.

Exemplo desse empenho foram os sucessivos encontros com ministros de Estado, diretoria do BNDES e novamente com o presidente da República, os quais, receberam do Setor toda a série de sugestões que, a nosso ver, vai provocar a diminuição do chamado Custo Brasil, medida tão necessária para superar as barreiras à inserção da economia brasileira no mercado mundial.

Ao manter contato com o primeiro escalão do Executivo, o Setor vem acentuando seus vínculos com o Legislativo, onde tramitam importantes projetos, incluindo alguns relativos à desoneração das exportações. Dentro desse objetivo foi que articulamos, há cerca de quinze dias, uma reunião com o presidente da Câmara dos Deputados, Luís Eduardo Magalhães, a quem entregamos exemplar de nosso programa de investimentos. Proximamente, estaremos acertando reunião com o presidente do

Senado Federal, José Sarney.

O investimento produtivo no Brasil, para ter um fluxo natural, necessita de clara sinalização quanto às regras que regem a economia do país, em especial nas questões que tratam dos gravames tributários previstos na atual legislação, que oneram excessivamente esses investimentos.

A crescente globalização da economia tem aumentado a disputa por capitais internacionais e os diversos segmentos industriais brasileiros, como o de papel e celulose, que tem em execução grandes projetos de investimentos, perdem a cada dia condições de enfrentar seus concorrentes, que também estão empenhados em novas ampliações, com objetivo de atender a uma crescente demanda internacional.

Parece que já existe consenso quanto às causas dos principais obstáculos ao livre exercício da atividade econômica no Brasil. O que é preciso, contudo, é trabalharmos em parceria com o governo de forma a encontrarmos saídas práticas, sem que a estabilização econômica seja prejudicada e a atividade produtiva possa se desenvolver sem sobressaltos.

Resta agora trabalhar no sentido de que se efetive na prática esse enunciado. Acreditamos que o setor privado, particularmente o de papel e celulose, pode desempenhar importante papel na articulação e consolidação dessas bases que vão garantir a viabilização desses novos investimentos, gerar empregos, divisas e mais receita de impostos, assegurando crescimento interno, além de preservar e ampliar as posições conquistadas no panorama econômico mundial.

* Mário Higinio Leonel é diretor-executivo da ANFPC - Associação Nacional dos Fabritantes de Papel e Celulose.

Parabenizamos a BACELL pelo
“start-up” da Linha de Fibra TCF, na
sua Fábrica em Camaçari - BA.



KVÆRNER™

" SE VOCÊ TRABALHA COM MECANIZAÇÃO FLORESTAL EM ALGUM PONTO DENTRO DA ÁREA DEMARCADADA , FALE CONOSCO ."



UM PINUS NÓRDICO CRESCENDO LENTAMENTE TEM MUITO POUCO EM COMUM COM UM EUCALIPTO NO BRASIL. NÃO EXISTEM DOIS LOCAIS NO MUNDO COM EXATAMENTE AS MESMAS CONDIÇÕES AMBIENTAIS. CADA OPERAÇÃO DE SILVICULTURA E COLHEITA TEM SUAS PRÓPRIAS CARACTERÍSTICAS.

A SISU LOGGING ENFATIZA, A AÇÃO LOCAL, COMO CENTRO DO PANORAMA GLOBAL. ESTANDO PERTO DE VOCÊ, PODEMOS CONHECER AS SUAS CONDIÇÕES E CIRCUNSTÂNCIAS OPERACIONAIS DETALHADAMENTE, E DESTA MANEIRA PODEMOS OFERECER A MELHOR OPÇÃO EM EQUIPAMENTOS FLORESTAIS.

ESTE PROPÓSITO, BEM COMO UMA SÉRIE DE INOVAÇÕES TÉCNICAS E DE

PROTEÇÃO AMBIENTAL - FEZ DA SISU LOGGING HOJE, UM DOS LÍDERES MUNDIAIS NA FABRICAÇÃO DE EQUIPAMENTOS FLORESTAIS. NÓS ESTAMOS PRESENTES NA ALEMANHA, INGLATERRA, ESCANDINÁVIA, FRANÇA, AUSTRÁLIA, CANADÁ, ESTADOS UNIDOS, BRASIL, E ÁSIA.

E ISTO É SÓ O COMEÇO, POIS SISU EM FINLÂNDIA SIGNIFICA RESISTÊNCIA E ESPÍRITO LUTADOR. VOCÊ VAI CONTINUAR ENCONTRANDO A RESISTÊNCIA E O ESPÍRITO LUTADOR DA SISU, CADA VEZ MAIS NOS PRÓXIMOS ANOS.

ENTRE EM CONTACTO CONOSCO E VOCÊ ENCONTRARÁ O PONTO DE EQUILÍBRIO ENTRE LUCRATIVIDADE, PRODUTIVIDADE E MEIO AMBIENTE PRESERVADO.



Sisu Logging Equipamentos Ltda

Rua Gal. Lucas de Almeida Guimarães, 211.

83323-130 - Pinhais - PR

Tel. (041) 366-2211

Fax: (041) 266-8460